

Segunda parte da defensão

S. Hiero. to.
3. epist. 150.
S. Aug. to. 4
epist ad Ro
m. 4. prop. 71

Psal 119.

Psal 119.

Pytha. apud
Laerc de vi
uis philoſof.

Hoc enim faciens, carbones ignis congeres super caput eius. Fazendo isto pôdeslhe brasas viuas sobre sua cabeça. Quis dizer o Apostolo sagrado. Com beneficios, & obras abrazadas no fogo d'amor, & charidade, com palauras brãdas, & taes, que logo em sua brandura mostrem a causa donde nadem consumir a malicia, & resolvereis a inimidade mais refinada no mundo. Remedio he este que Deos deu a Dauid: Vede se será boa a receita de tal medico? *Domine libera animam meam à labijs iniquis.* Senhor, diz Dauid, falando, & queixandose com Deos, liuraime de tam prejudicial inimigo, & de hum odio tam cruel, que está sempre brotando contra mim palauras injustas, & de q me não posso valer. Ao que lhe respondeo a diuina Magestade. *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam?* Que remedio se vos pode dar pera mal tanto sem elle? senão for, *Sagittae potentis acutae cum carbonibus desolatorys.* O melhor, & mais certo he setas agudas abrazadas em fogo, que tudo consume, & abraza, & a meu ver não corre bem o lingoagem, porque ferro com fogo, mais parece motiuo pera acrescentar vinganças, que medicina pera curar odios: pelloque aconſelhaua Pythagoras. *Ignem gladio, ne fedito.* Não aticeis o fogo com a espada; porque como explica Laercio he ascender o fogo da ira, augmêtãdo a

com

com maas palauras, & respondendo a hūas mal concertadas, outras peores, crecendo as injurias com maas perguntas, & peores repostas: porque desta maneira he: *Ignem gladio scrutare.* como disse Horacio, levar tudo a fogo, & sangue. Não são estas as setas que Deos nos aconselha, senão setas de palauras amorosas cō prudencia, & brandura, como explica sam Basilio dizendo. *Sagitta acuta, verba sunt scita, & perspicienter emissa.* & sendo setas despididas do arco do amor motiuos são certos de o augmentar, & com ellas se ascende hūa fragoa de charidade n'alma, por mais aborrecimento que tenha, quem com ellas o trata. Seguindo esta doutrina não quero responder como estaua pedindo o principio do tratado oitauo do Exame das antiguidades, se não cō toda a modestia, & brádura que me he possiuel he peço examine melhor o ponto, & antiguidade dos annos que viueo Ioseph filho de Iacob, porque directamente parecendolhe que encótra na Monarchia, encontra de meyo a meyo a sagrada Escripura. Quero trazer suas mesmas palauras, porq̃ me não culpe, que são as seguintes. *Dà principio a Monarchia ao titulo decimo, afirmando que Ioseph, filho de Iacob morreo de cento & dez annos, & dandome o autor da Monarchia licença, darei que tal cousa, não he possiuel, porque lhe leua d'erro cinco annos*

Segunda parte da defensão

de dia a die. Estas são as palavras, & conclusão do
nosso Autor do Exame, as do doutor frey Ber-
nardo no titulo decimo da primeira parte da
sua Monarchia são as que se seguem. Como as con-
sas da vida sejam bẽs limitados, & trazem seu fim cõ elle
tiuerãono tambem as prosperidades dos Israelitas com
de Ioseph, que morreo de idade de cento & dez annos, &
O que daqui se tira em limpo he que o apura-
dor das antiguidades, apurando esta, & fazendo
hũa quinta effencia de pureza, assenta por con-
clusão infalliuel, morreo Ioseph de cento & cin-
co annos, & o doutor frey Bernardo diz, que de
cento & dez, neste encontro, ou erro, como elle
lhe chama, não ey de trazer mais autores que a
sagrada Escripura, a qual aos cincoenta capitulos
dos dos Genesis diz assim. *Et habitavit Ioseph in E-*
gypto cum omni domo patris sui, vixitque centum decem
annis. E logo mais abaixo tratando Ioseph da
sua morte com seus irmãos, diz. *Post mortem me-*
Deus visitabit vos, & ascendere vos faciet de terra ista
ad terram quam iuravit Abraham, Isaac, & Iacob.
Cumque adiurasset eos, atque dixisset, Deus visitabit
vos, asportate ossa mea vobiscum, de loco isto, mortuus est
expletis centum decem vitæ suæ annis. E Vatablo
q̃ he a Biblia de q̃ vfo na sua versãõ diz. *Mortuus*
itaq; est Ioseph, quum esset natus centum & decem annos.
Se agora em algũ genero de Latim, Hebraico

Genes. 50:

Genes. c. vlt

Vatab. uers.

ou Grego acha o nosso autor, que centum & de-
cem annis vitæ suæ, quer dizer, cento & cinco an-
nos, serà nas suas contas, que nas minhas são cen-
to & dez annos da vida de Ioseph, & esta verda-
de infaliuel, & de fee segue a Monarchia Lusi-
tana. Digo mais, que deixando de parte as cou-
sas de fee, onde não ha, nem pode auer argumen-
tos, que possaõ fazer, ou nem fação duuida, que
bem poderão ser os annos da vida. de Ioseph
cento & cinco na realidade da verdade, & a Mo-
narchia dizer cento & dez, sem erro nenhum,
que com rezão lhe podesse notar, quem tiuesse
qualquer pequena noticia da Escriptura, porque
nella frasi he muy costumada tomar o numero
certo pello incerto, & o maior pello menor; co-
mo alem de o afirmar claramente Epiphanio
in cõpendearia doçtrina, & sancto Augustinho,
se pode ver nos lugares aqui apontados. Dos
quais seja o primeiro tirado do liuro terceiro
dos Reys no capit. 2. Onde lemos reinou Dauid
quarenta annos, sete em Ebron, & trinta & tres
em Hierusalem: & com isto assim ser, achamos
no liuro 2. dos Reys no cap. 5. reinou Dauid qua-
renta annos & meo, & o não fazer caso no liuro
3. no cap. 2. dos seis meses, foy porque no nume-
ro maior de quarenta, se incluiu o menor. Alem
disto no capit. decimo quinto do Genesis disse

*Epiph. in cõ
pend. doct.
de fide Cato
lica & Apost
Ecclesia.
S. Aug lib.
quast. Super
Exor q. 47.
3. Reg. 2.
2. Reg. 5.*

Genes. 5.

Segunda parte da defensão

Deos a Abraham, que sua geração auia de d'andar desterrada, & peregrina quatrocentos annos & o principio destes annos conforme a doutrina dos doutores sagrados, começou no nascimento de Isaac, & o fim delles foy no tempo em que Moyses por mandado de Deos liurou os filhos de Israel do captiueiro do Egypto, & este tempo segundo a Cronologia sagrada, contem quatrocentos & cinco annos, & nem pello texto da Escripura deixar de fazer menção dos cinco annos que crecem aos quatrocentos, se segue algum inconueniente, porque o numero maior dos quatrocentos annos, embebe em si o menor dos cinco annos que crecem. No liuro dos Iuizes no cap. ii. disse Iephthe, que a terra de Arnon até Ieboch, possuirão os Iudeos com grãde paz, & quietação trezentos annos, & o pouo Iudaico começou a possuila quarêta annos pouco mais ou menos depois de sairem do Egypto, como consta do liuro dos Numeros cap. 21. & 22. & deste tempo até o principio de Iephthe cõtandose os annos soamente em que no pouo Israelitico gouernarão Iuizes, não entrando neste numero o tempo que estiueraõ captiuos, não correrão mais que duzentos & setenta annos, pelloq̃ Iephthe tomou o numero perfeito, pello imperfeito, & se cõtarmos os annos, assim dos Iuizes, como do captiueiro, somão trezentos & quarêta; assim

Iudic 11.

*Num. cap.
21 & 22.*

que quando Iephte disse trezentos annos, cõten-
 touse com nomear maximo illo, & integro nu-
 mero de trezentos, sem contar os quarenta de q̃
 não fez caso. Christo nosso Redemptor, confor-
 me o estillo de falar dos Doutores, & ainda o nos-
 so cõmum viueo trinta & tres annos, sendo assim
 que em rigor, & na realidade da verdade, viueo
 mais tres meses, porq̃ Christo depois de ser con-
 cebido por obra do Spiritu santo nas entranhas
 da Rainha dos Anjos a 25. de Março, nasceo a 25.
 de Dezembro, & de 25. de Dezembro até 25. de
 Janeiro vai hũ mes, & de 25. de Janeiro até 25. de
 Feuereiro, outro, & são dous, & de 25. de Feuerei-
 ro até 25. de Março em que morreo, outro & são
 tres, assim q̃ sendo os annos da vida de Christo
 33. & tres meses, não dizemos, senão q̃ viueo trin-
 ta & tres annos. Setenta & duas erão as palmas q̃
 os filhos de Israel acharão em Elim, como o af-
 firma santo Augustinho, & Epiphanio, & a Escri-
 ptura não nomea mais que setenta. *Venerunt autē*
in Elim filij Israel, vbi erant duodecim fontes, aquarum,
& septuaginta palmæ. Setenta & dous interpretes
 mandou o summo Sacerdote Eleazaro segun-
 do nos conta Iosepho a Ptholomeo Philadel-
 pho Rey do Egypto, pera lhe tresladarem a Bi-
 blia de Hebraico em Grego, aos quais o Rey
 mandou fazer setenta & duas sellas aparta-

S. August.
 Epiphanio,
 Exod. 15.
 Num. 33.

Ioseph. de an-
 tiq. l. 12. c. 30.

Segunda parte da defensão

Aug. l. de ci-
uit. 18. c. 42
& 43.

Hirineo li. 3
cap. 25.

S. Hieron in
prologo sup.
Penthat.

S. Ilario. &
Euthimio su-
per ps. & in
prafat palm
Aug. de ciui-
c. 4.

Euse. l. 5 c. 8.

Genes. 15.

Exod. 12.

Rabbi. in li.
Sedarolan.
R. Abra. Le-
ui. in lib.
Chabale

tadas, como diz S. Agustinho, & santo Hirineo, posto que saõ Hieronymo não approua isto das setenta & duas sellas, nem consente fosse feita esta versãõ por dom particular de prophacia, como querem Euthimio, & santo Ilario. Porem quando não fossen setenta & duas sellas, senão doze morando de seis em seis pellos tribus, porque de cada tribu vierão seis, como notou santo Augustinho libro 18. de Ciuitate capit. 24. E Eusebio de Ecclesiastica historia lib. 5. cap. 8. a verdade com tudo he, que forão setenta & dous os interpretes, & nos não dizemos commummente senão setenta. Os setenta velhos que subirão ao monte, setenta & dous saõ com Elad, & Modad, & com tudo o texto Sagrado não nomea mais que setenta. Quatrocentos annos forão os que Deos disse a Abrahão auia de andar sua geração peregrina, como consta do capit. 15. do Genesis. *Scito prænoces, quod peregrinum futurum sit semen tuum, & subijcient eos seruituti, & affligent quadringentis annis;* E no capit. 12. do Exodo diz a mesma Escriptura. *Habitatio autem filiorum Israel, qua manserunt in Ægypto, fuit quadringentorum triginta annorum.* Pera entendimento deste ponto, que he escurissimo, digo que os Rabinos, & doutores Hebreos no liuro Sedarolan, & Rabi Abrahão Leuites in libro Chabale affirmãõ es-

tiue-

tiuerão os filhos de Israel no Egypto duzentos & dez annos, porem Caetano, & Niculao de Lira alsim na explicação do cap. 15. do Genesis, como no 12. do Exodo fazendo as contas em todo o rigor, dizem, que nas palauras que Deos disse a Abraham, & a tres cousas todas diferentes, he a primeira, que sua geração ha de andar perigrina por terras alheas. *Peregrinum erit semen tuum, in terra non sua.* He a segunda que ha d'estar fogeita ao seruiço, & querer alheo. *Subijcient eos seruituti.* He a terceira que os affligirão com trabalhos continuos, & sem rezões inofriueis; *Affligent eos quadringentis annis:* & aqui não se ha de considerar hũa destas cousas soo por si, se não todas tres juntas, & desta maneira fazem quatrocentos annos ao justo. O que pro- uo com esta conta. Isaac filho de Abraham, de cujo nacimiento se começa a contar este numero de annos, antes de gerar a seu filho Iacob tinha sesenta annos perfeitos, como consta do liuro dos Genesis capit. 25. E Iacob quando entrou no Egypto era de cento & trinta annos, como elle mesmo confessou a Pharao Genesis 47. os quais juntos somão cento & nouenta: & quem a cento & nouenta ajuntar duzentos & dez, & os Rabinos dizem, esteue o pouo Israelitico no Reyno do Egypto, faz quatrocentos annos justos

Caetan. &
Lira super
c 15. Genes.
& c. 12. Exo.

Genes 25.

Genes 47.

Segunda parte da defensão

Oleaster.
Exod. 12.

stos. Não admitto hũa instancia de Oleaster sobre o cap. 12. do Exodo, onde diz senão ham de começar a contar estes annos do nascimento de Isaac, porque como Deos disse a Abrahão. *Peregrinum erit semen tuum in terra non sua.* E Isaac naceffe, como em effeito naceo na terra de Canaam, ficaua Canaam sendo sua propria patria, & quem mora em a Prouincia onde nace, não viue em terras estrangeiras, senão na sua propria natureza. Mas com isto assim ser, não me faz muita força o argumento, a rezão he, porque Deos, não disse soamente a Abraham que seus filhos, & netos serião peregrinos, mas tambem que os auia de fazer absolutos senhores de todas aquellas terras. *Terram hanc tibi dabo, & semini tuo.* E posto que quanto ao nascimento ficasse sendo patria de Isaac, não ficaua com tudo senhor della, senão os Amorreos, que neste tempo a possuiam, & gouernauão, como se colige da rezão que Deos deu ao Patriarcha santo de lha não dar logo. *Nondum enim complectæ sunt iniquitates Amorreorum.* Como se differa: Não vos dou logo a posse pacifica do Reino, nem vos faço absoluto senhor delle, porque as maldades dos Amorreos que o possuem, não tem cheo o numero de sua malicia, pera os priuar dos bês de que viuem. Pello que, em quanto

Deos

Deos lhe não deu esta terra, como lhe tinha pro-
 metido, não ficava sendo sua, senão alhea, & af-
 fim do nascimento de Isaac se ha de contar este
 numero d'annos, como na verdade se conta. San-
 to Thomas sobre o cap. 3. ad Galatas, faz a con-
 ta dos annos nesta forma. Ioseph quando esteve
 diante de Pharaõ, depois de o tirarem do carce-
 re era de trinta annos, Genes. 41. depois disto pas-
 sarão sete de fertilidade, & dous d'esterilidade
 primeiro que Iacob entrasse no Egypto, Genes. 41.
 45. Viueo Ioseph cento & dez annos, Genes. cap. 45.
 ultimo, & quem de cento & dez tira trinta & no-
 ue, que era a idade certa que Ioseph tinha, quan-
 do seu pay Iacob entrou no Egypto, ficão seten-
 ta & hum, & ajuntando estes setenta & hũ com
 sesenta de Isaac, antes de gerar a Iacob, & cento
 & trinta de Iacob ao tẽpo q̃ entrou no Egypto,
 somão duzentos & sesenta & hũ, & cento & qua-
 rãta & quatro, q̃ os Israelitas estiuẽrão em capti-
 ueiro, cõ infinitas injurias, & afflições depois da
 morte de Ioseph, & seus irmãos, segundo escreue
 Rabano act. 7. ficão sendo quatrocentos & cinco
 annos, & não faz o texto Sagrado caso destes cinco
 annos, porq̃ o numero perfeito dos quatrocẽtos
 enclue em si o imperfeito dos cinco, & quãto ao
 q̃ diz a Escrip. c. 12. Exod *Habitatio filiorũ Israel,*
qua manserunt in Aegypto, fuit quadringentorum tri-
ginta

S. Tho. c. 3.
ad Galat.

Genes. 41.

Genes. 45.
Gen. c. vlt.

Rabano.
act. 7.

Exod. 12.

Segunda parte da defensão

Oleast. Exo.
cap. 12.

Exod. 6.

ginta annorum. Respondo, que a soma certa, & maior dos quatrocentos annos, embebe em si a menor dos trinta, tomando o numero perfeito pelo imperfeito. Ou digo com Hieronymo ab Oleastro, que estes annos se ham de contar pella maneira seguinte. Quando Leui em companhia de seu pay Iacob, & mais irmãos, entrou na terra & Reyno do Egypto, era de sincoenta & sete annos, & viueo depois que nelle entrou, oitenta, que juntos vem a somar todos os de sua vida cento & trinta & sete annos, como consta do sexto capitulo do Exodo. Seu filho Chaath viueo cento & trinta & tres: Harão seu neto cento & trinta & sete, & seu bisneto Moyse sendo de oitenta annos de idade, veyo por mandado de Deos liurar de captiueiro os filhos de Israel, & somando estes annos todos, vem a fazer quatrocentos & oitenta & sete, & tirando deste numero sincoenta & sete annos, que tinha Leui ao tempo que veyo de Canaam pera o Egypto, ficão quatrocentos & trinta justamente, & tanto diz o Texto sagrado no cap. 12. do Exodo, auião de estar no Egypto os filhos de Israel, o que não encontrão os quatrocentos annos, que Deos disse a Abrahão auia de andar sua geração peregrina, affligida, & desterrada, porque todo o tempo que viueo Ioseph, forão tam respeitados os filhos

lhos de Israel por seu respeito, que da grande riqueza, & gloria em que ficarão, naceo a ley injusta dos Reys Egypcios, temendo se leuantassem com o Reyno; & quem de quatrocentos & trinta, tirar trinta da vida de Ioseph, ficão quatrocentos justos. Tenho se me não engano prouado bastantissimamente pella Escripura, não fô que os annos da vida de Ioseph forão cento & dez, mas ainda, que quando o doutor frey Bernardo differa cento & cinco, como o Exame quer que diga, não o dizendo, não era erro que se lhe podesse notar, pois se podia defender com o estillo, & frasi do texto Sagrado. Venhamos agora aos historiadores que o Autor do Exame aponta, & por elles mesmos lh'ei de mostrar ao olho, a verdade da Monarchia. Diz pois o Apurador das antiguidades as palauras seguintes. *Iacob, pay de Ioseph, naceo ao quarto anno de Tago, & sendo de noventa & hum lhe naceo Ioseph seu filhõ, & do primeiro anno dos Girioës, aos quatorze do Reyno de Hercules, vão justamente cento & cinco, por onde não podia morrer senão aos dez anoue annos, que foy o derradeiro do Reyno, & da vida do mesmo Hercules.* Como determino de não falar mais nesta computação d'annos, ey de fazer estas contas mui exactamente, as quais pello mesmo Autor que o do Exame aponta, & segue que he frey Ioão Annio de

Segunda parte da defensão

Annius de
Reg. Hisp.

de Viterbo de Regibus Hispaniæ na minha impressão fol. 296. são as seguintes. *Tagus quintus Rex Hispania, regnavit annis triginta, regnavit Betus annis triginta septem, Gerion Afer, regnavit annis triginta tribus, ut in Eusebio numerantur, regnauerunt autem Geriones annis quadraginta duobus, Hispalus regnavit usque ad finem Regni Balei, id est, decem & septem annis, Hispalus triginta duobus.* E por morte de Hispano, reinou seu auó Hercules Lybio, & ao decimo quarto anno de seu Reyno em Hespanha, morreo Ioseph no Egypto de cento & dez annos. Estes annos todos diz o Autor do Exame, somão cento & cinco, pello que errou o da Monarchia dizendo viuera Ioseph cento & dez annos, sendo assim que pelas contas dos seus autores, não viueo mais que cento & cinco. Estas contas não forão tambem acertadas como alguém cuida, nem he o numero taõ grande, que as deixe de saber qualquer pastorzinho do gado, indaque as faça pellos dedos, & ja que o nosso Autor assenta por conclusão certa naceo Iacob ao quarto anno d'el Rey Tago, & o autor por quem faz estas contas, he João de Viterbo, as palauras que acima aponteí em Latim são estas em lingoagẽ. Tago quinto Rey d'Hespanha, reinou trinta annos, & quem de trinta tira quatro (pois ao quarto anno de seu Reyno naceo Iacob) ficão 26. Beto reinou 37. Gerion

33. seus filhos os tres Geriões 42. Hispalo 17. Hispano 32. Hercules 14. Estes annos todos somão dozentos & hum, & quem de dozentos & hum, tira nouenta & hum, que Iacob tinha de idade, quando lhe naceo seu filho Ioseph, ficão cento & dez, que he a cõta & numero certo dos annos que a Monarchia diz viueo Ioseph, assim pella verdade infalliuel da sagrada Escripura, como pello mesmo computo, & authores, que o Exame tras & alega, mas isto foy Belorophron-tis literas.

CAPITVLO XXVI.

Tratase em defensã da Monarchia a idade que tinha Ioseph filho de Iacob, quando seus irmãos o venderão aos Ismaelitas, com outras curiosidades.

FAz o nosso Autor do Exame no seu tratado septimo hum sermão breue em q̄ louua, & engrandece os bês q̄ do silencio nace & depois de trazer muitas cousas muito bẽ ditas faz esta cõclusão, cujas palauras são as seguintes. Porẽ cõ ser o silencio tam importante, não faltão as vezes occasiões, em q̄ he melhor falar, q̄ estar calado, por q̄ se assi não for a, não viera a dizer o mesmo Pythagoras, que conuem calar, ou dizer cousas em q̄ he melhor a pratica q̄ o silencio

Segunda parte da defensão

silencio: aqui temos occasião em que o silencio prejudica, porque como determinamos examinar antiguidades, & reduzir a maior certeza algũas opiniões que andão sem ella, serà mal feito deixar passar as que se nos offerecem dignas d'exame, & por isso nos he necessario apurar hũa conta não bem estudada, que vai no titulo oitauo da Monarchia, nelle nos affirma que aos treze annos do imperio dos Giriões, succedeo a Iacob aquelle mortael desgosto da venda de seu filho Ioseph, & na conta que a Monarchia faz destes treze annos, ou vai contra a Sagrada Escriptura, ou contra si mesmo, porque contando se os annos desde tempo que a Monarchia diz, que Iacob naceo, & governandonos segundo somos obrigados pello texto Sagrado, se acha nella quatro annos de defconto, como se proua manifestamente. Iacob naceo ao quatro do imperio de Tago, & destes quatro annos do imperio de Tago aos treze dos Giriões, vão directamente cento & tres annos, &c. Façamos aqui ponto. Mi-

Alexand: ab
Alex. lib. 5.
fol. 329.
Luciano, So-
tades, Crini-
to apud Ra-
uifium in sua
off fol. 75.
S. Ephrem
Syrus to. 1.
de malo lin-
gue.

proprio he da prudencia temer cousas pequenas em seus principios, porque tam grande mal fez ao Poeta Achreonte hum granzinho de palha, ou de vua, com que se afogou, como se lhe tirarão a vida às punhaladas, o mesmo conta Luciano & Sotades apud Crinitum de Sophocles como refere Rauifio na sua officina. A aue, disse o santo Ephrem, se fica preza no laço por hũa vintinha, inda que o corpo & azas fiquem liure de premio

prizaõ, essa vnha basta pera perder por ella a liberdade, & a vida. Quando vi no principio deste tratado tanto escrupulo de quebrar o silencio, & tam grande remordimento de consciencia, que leuado della o Autor do Exame, nos quer ensinar verdades antigas, pois a Monarchia Lusytana nos conta historias fabulosas, & elle constringido da obrigaçãõ de seu officio de apurador, & examinador dellas, se obriga a nos liurar do enleo, & engano em que até agora andauamos, desconfiei de chegarem minhas forças a tanto que podesse responder a tam grandes medos, & carrancas, & estando ja minha confiança com a candeia na mão, achei q̃ todos estes montes de preparações se resolverão em quatro annos, que diz acha d'erro na idade de Ioseph, quando seus irmãos o venderão aos Ismaelitas, porque auendo de ser de defaseis annos, como consta da Escripura, fica sendo de doze, segundo elle diz pellas contas da Monarchia. Em verdade, que he necessario particular fauor do ceo pera dissimular sem rezões tam manifestas, mas como a paciencia he filha da magnanimidade, & mãy da honra. *Fatigetur improbitas, & non pacientia nostra.* E vamos com simplicidade religiosa tirando das ondas do mar a perola desta verdade, que como diz S. Lourenço Iustiniano:

Segunda parte da defensão

Iust ser de
S. Mar. Euã
Iob 28.

S. Isid l. 16.
Et bim. ca 8
& 9.
S. Hiero. to.
1. Apolog.
in Ruf.
Erasm ubi.
2. cen. 3. ada
gio 74.

S. Greg. mo
74. l. 10. c. 27

S. Greg. ubi
supra

Plusarc. in
Mo. Apoph.
Laconio.

Nullius testimonium indiget, habet testimonium in se, cui neque malus, neque iniustus valet obycere quicquam, em tanto que diz della Iob: *Non conferetur inctis Indie coloribus, nec lapide Sardonyco preciosissimo, vel Saphiro.* Não ha pedra tam preciosa, que tenha com a verdade comparação algũa: & o particularizar o Patriarcha santo entre todas o Sardonyco foy, porque como notou santo Isidoro, he hũa pedra de varias cores: por de fora, & na primeira superficie parece corada, logo no interior mostra ser branca, porem no centro, & coração da pedra he toda negra. E o Saphiro he azul, cõ algũa coufa de cor purpurea, retocado cõ hũas pintas d'ouro, mas nunca lustroso. Isto suposto pergunta sam Gregorio, que encarecimento he este? ou que nos quer ensinar o pacientissimo Iob nesta comparação? senão, que por mais cores de Rhetorica, & ouro de eloquencia cõ que hũa historia se cubra, quando lhe falta verdade logo descobre sua pobreza. *Aliud se esse, quàm sunt verborum compositionibus, quasi super inductis coloribus mentiuntur.* Preza uase muito hum certo Rhetorico de sua arte, parecendolhe que com palauras bem concertadas tinha em sua mão a vontade alhea, & como se preguntaua a si por si, estando mui contente, & satisfeito de si mesmo, disse hum Espartano. Que me aproueita pintar de sm

com palauras, fazendome de hũa cebola
,se meus olhos defenganãdome vem cebolas
como na verdade o são, & não ceo, q̄ vos fingis
ier, & não he? que fruito tirais de hum trabalho
tam sem fruito, como he quererme persuadir he
noite escura; se eu vejo o sol claro no mais alto
ponto de sua fermolura? Excellentemente nos
declarou Euripides Grego, esta infirmitade com
mũa dizendo. *Nam veritatis suenit esse oratio simplex*
vafris nec egens ambagibus interpretum, siquidem ipsa
per se congruit: at sermo iniquus quia per se sit morbi-
cus, medicamenta ex quis ita deposcit sibi.

*Euripides in
Thenissis.*

Porem vindo a conta dos annos q̄ o Exame diz
ha do quarto anno do imperio de Tago quãdo
Iacob naceo atè os treze dos Giriões, quando os
irmãos de Ioseph o venderão, & fazendo suas
contas affirmauão directamente cento & tres an
nos, por cujo respeito ficaua sendo Ioseph de do
ze annos, sendo assim que a Escriptura diz era
de dezaseis. *Ioseph autem cum sedecim esset annorum*
pascebat gregem cum fratribus suis adhuc puer. A isto
respondo, q̄ estas contas, não estão tambem apu
radas, como pedia a obrigação de quem tomou
pera si o officio d'apurador dellas, & assim lhe
peço licença pera as apurar, & mostrarlhe muy
exactamente, como pellas da Monarchia Ioseph
aos treze annos dos Giriões tinha dezaseis annos

Segunda parte da defensão

ou mais de idade, & não doze como elle quer q̄ diga, não o dizendo: & porq̄ non sufficit dicere, sed probare, trarei na proua desta verdade a Florião do campo, q̄ he autor grauissimo, & a quem segue nestas cóputações de tépos o doutor frey Bernardo. Florião do Campo no liuro 1. no cap. 8. ás fol. 26. diz assim. *Despues desto no hablan otra cosa de Tago, que a la historia conuenga, sino es auer reinado treinta y tres años en Hespaña, en fin de los quales moriò.* E quem de trinta & tres tira quatro, porque no quarto anno de Tago naceo Iacob, como a Monarchia escreue, & o mesmo Exame cõfessa, ficão vinte noue. Del Rey Beto q̄ lhe succedeo, diz o mesmo Floriano, no fim do cap. 9. estas palavras. *Auiendo gobernado la tierra treinta y vn años, moriò sin dexar successor legitimo.* E vinte noue annos q̄ ficarão de Tago, com trinta & hũ de Beto, fazem sesenta. Girion, profigue Floriano, *despues de estar apoderado en aquellas comarcas, y marinas de Hespaña treinta y quatro años, &c.* E estes trinta & quatro annos com os sesenta de Beto, & Tago, somão nouenta & quatro, & ajuntando os treze do Reyno de seus filhos os tres Giriões, que he o tempo em que succedeo a venda de Ioseph, como diz a Monarchia, soma tudo, cento & sete annos, & não cento & tres, como o Exame cõta: & qué de cento & sete tira nouenta & hũ, q̄ he a
idade

Florião l. 1.
cap. 8.

Florião c. 9

Florião ybi
supra.

idade em que a Iacob naceo seu filho Ioseph ficção de setenta e seis, que isto he o que diz a Escripura, & nos conta a Monarchia, & não doze, como quer o Examinador das antiguidades examinando esta tambem que lhe fora melhor goardar silencio com tanta obseruancia, como se fizera profissão na regra de nosso Padre sam Benito, ou andara no nouiciado dos cinco annos do Philosopho Pithagoras. Ia vejo me está respondendo, ey de fazer estas computações por Ioão Annio de Viterbo, que he o autor que elle diz seguiu o doutor frey Bernardo: sou contente, & não seja esta nossa desauença. O Viterbense Viterben. de de Regibus Hispaniæ na minha impressão aas Reg. Hisp. fol. 296. conta as idades dos Reys d' Hespanha desta maneira. A Tago quinto Rey della dá de imperio trinta annos, & tirados quatro, que he o em que naceo Iacob, ficção vinte & seis, a Beto sexto Rey, trinta & sete, que com vinte seis fazê sesenta & tres, Girião reinou, como elle diz, trinta & tres annos, o que tambem affirma Eusebio Euseb. apud Ann. vbi sup Cesariense, & trinta & tres, com sesenta & tres, somão nouenta & seis, & treze dos Giriões em cujo tempo succedeo a venda de Ioseph, & são cento & noue, dos quais tirando nouenta & hũ da idade de Iacob, quando gerou a Ioseph, ficção dezoito, & não doze como affirma o Autor do

Segunda parte da defensão

Gariuai no
comp. hist.
Monte negro
de Reg. Hisp.

Exame. E a desgraça está, que não sei autor nenhum, que tratando das vidas dos Reys de Hespanha, conte cento & tres annos de idade do quarto anno de Tago até os treze dos Giriões, como o nosso Autor contou, & se quizer façamos estas contas por Gariuai, no seu compendio historial, & por Monte negro Lusitano, na sua relação abreviada dos Reys d' Hespanha, seruiloei em tudo: hum & outro affirmão reinou Tago trinta annos, tirando quatro ficão vinte seis, Beto trinta & tres, Girião trinta & cinco, & treze de seus filhos os tres Giriões somão cento & sete, & não ha o nosso Apurador das antiguidades de achar Autor algum, que a Monarchia alegue, nem que eu saiba, que contando os annos dos Reys de Hespanha do quarto de Tago até os treze dos Giriões, conte cento & tres, como elle contou, senão ou cento & sete, com Gariuai, Monte negro, & Florião do Campo, ou cento & noue com Ioão Annio de Viterbo, & por nenhũa destas cõtas fica sendo Ioseph de doze annos aos treze dos Giriões, senão ou de desaseis com Florião, ou de dezoito com o Viterbense, & assim fica o doutor frey Bernardo de Britto, dizendo o q̃ diz a Esçriptura sagrada, & o Exame o q̃ foy seruido, & lhe pedio sua vontade; & peço a toda a pessoa a cujas mãos chegar

esta

esta minha defenſaõ, julgue a justiça que teue o
 noſſo Autor pera eſcreuer palauras tam confia-
 das, como ſaõ estas ſuas. *Como determinamos exami-
 nar antiguidades, & reduzir a maior certeza algũas
 opiniões, que andão ſem ella, ſerã mal feito deixar paſſar
 as que ſe nos offerecem dignas de Exame.* Se todas as
 outras ſuas ham de trazer a certeza, q̃ esta trou-
 xe conſigo, bem eſcuſado fora o trabalho que
 tomou pera examinar antiguidades, mas como
 foy trabalho por vontade, ſeu bõ deſejo lhe fa-
 ria mais facil, porque mui proprio he do amor
 facilitar o mais difficultoſo, como diz Fortuna-
 to: *Nec graue, ſed leue fit quidquid amore ſeras.* E noſ-
 ſo P. S. Bernardo confirma esta verdade dizêdo. *D. Bernard.*
Prætere a quod leue præ amore ipſius ducat quidquid la-
boris immineat, & doloris. E quanto a mim, foy par-
 ticular merce do ceo auer quẽ eſcreueſſe contra
 a Monarchia Luſitana, pera q̃ aſſim ficaffe mais
 pura a verdade della, *Vt iuxta contrarium ſuum ma-*
gis eluceat. A fortaleza, & virtude, entãõ mostra
 mais o preço de ſeus quilates, quanto mais ini-
 migos a perſeguem. Isto a meu ver, quis mostrar
 o conde de Trignana em hũa empreſa que ti-
 rou, a qual era, como aponta Ruchelo, hũa Ro-
 ſeira entre duas cebolas, & por letra. *Per oppoſita.*
 Arazãõ deſta contrariedade de Eruas, dà Plutar-
 co, dizêdo, q̃ cõ o roim cheiro deſta erua vne em

Fortun. l. 3.

D. Bernard.

ſerm. 23.

Ruchelo nas

imprefas.

Plutarco

Segunda parte da defensão

fi esta planta de tal maneira a virtude natural, que produz as rosas muito mais odoríferas, & fermosas do que forão, senão estiuera cercada de companhia tam contraria a sua natureza, querendo nisto mostrar, que assim como a rosa nascendo entre eruas de mau cheiro, vne mais sua virtude natural pera vencer seu contrario, & com esta força, & resistencia sae com mor suavidade, fermosura, cheiro, & graça, assim a verdade, virtude, & fortaleza, tanto mais campea o preço de seus merecimentos, quanto mores são as difficuldades que vence; o que claramente se vê na Monarchia Lusitana, pois entre ondas tam levantadas, & tēpestade tam desfeita mostra mais a pureza de sua verdade.

CAPITULO XXVII.

Tratase como Sicano Rey de Hespanha passou a Italia, & como os Hespanhoes que o acompanharão tomando delle o nome de Sicanos, habitarão a ilha de Trinacria, agora Sicilia, & delles se ficou chamando a ilha Sicania. Discutese hũ lugar de Diodoro Siculo acerca de serem Hespanhoes os primeiros que povoarão esta ilha.

A Purando, como costuma, o Exame das antiguidades hũa, que a Monarchia nos conta acerca del Rey Sicano d' Hespanha diz as palauras seguintes. Deixando algũas particuliaridades curiosas do cap. 14. nos imos direitos a hum Sicano, de quem no proprio cap. conta a Monarchia que deu o nome ao Rio Guadiana, & diz mais que Sicano liurando esta ilha de hũa gente ferõs, & agigantada, que chamauão los Trigones, & Siclopes, antigos habitadores della, deixou em companhia dos Hespanhoes, que ja nella habitauão a mayor parte do seu campo, & que dos que elle aqui deixou, se veo a pouoar grande parte de Sicilia, & que como esta gente se meteo nella debaixo da capitania de Sicano, lhe vierão a chamar dahi por diante Sicanos, & a ilha Sicania, & isto confirma o nosso Autor dizendo, que affirma Diodoro Siculo, que hũs Hespanhoes chamados Sicanos a pouoarão primeiro, & quer que o mesmo Diodoro tambem declare serem estes naturaes daquella parte d' Hespanha donde corre o rio Sicoris, que he Catalunha, a qual antiguidade conta a propria Monarchia, que Diodoro tirou de hum Philisco autor antiquissimo. Lembrese primeiro que tudo o Autor della, que toda a machina desta graue historia de Sicano passar a Italia com essa grossura de armadas, poder de exercitos, & fermosura de soldadesca, & todos esses temores, & fugida de Italianos, victorias, & vinganças del Rey Sicano, com tudo o mais se vem a fundar em ser feita
por

Segunda parte da defensão

por Portugueses, & como atras deixamos aueriguado, q̃ nunca Portugueses, nem outros Hespanhoes fundarão Roma, parece que bem manifesto, & prouado fica, que não tinba Sicano pera que se cançar em ir a Italia com exercitos, nem sem elles, pois la não auia naturais a quem socorresse, & não indo a Italia, tambem se pode ter por infallivel, que não foy à ilha de Sicilia, pois o ir a ella, não era mais que effeito de hũa causa que està prouado ser impossivel, & por esta razão, nem Sicano, nem seus soldados podião dar a Sicilia o nome que teue de Sicanos, por mais que o nosso Autor o affirme com toda sua authoridade. E quanto ao lugar que tras de Diodoro acerca de serem Hespanhoes os que primeiro pouoarão aquella ilha, os quais diz q̃ se chamauão Sicanos; parece que não està demasiadamente lembrado do que Diodoro trata sobre esta materia, porque não faz mais que apontar parte de ssa opinião daquelle Philisco em que fala a Monarchia, mas logo a repropa por falsa, & nescia, seguindo a de outro por nome Thimeo, &c. Muitas cousas temos aqui a q̃ respóder, he a primeira oustar a dizer o Autor do Exame, deixou bastantemente prouado, não fundarão Hespanhoes a cidade de Roma: quam excellentes, & em quanta verdade sejão fundadas suas prouas, pode o leitor ver na minha primeira parte desta defensão no cap. 26. E nesta segunda nos capitulos 23. & 24. & então julgue o que melhor lhe parecer: diz mais o Exame

me, que nunca Sic Ano chegou a Sicilia, nem tomou d'elle, nem de seus soldados o nome de Sicania; nem tinha necessidade de passar a Italia, pois não auia nella Hespanhoes a que fosse socorrer. A este inconueniente responde por mim Floriã do Campo, historiador tam authenticos, como o mundo sabe, o qual no seu primeiro liuro no cap. 21. ás folhas 40. diz assim. Luego que morio Sic Oro, Sic Ano, que le succedio en el señorio, dizem auer embiado gente de guerra, y capitanes en ayuda de los Hespañoles, q̄ morauan en Italia, porque se les auia abiuado mucho por alla las competencias, y guerras, que trayan con los pueblos comarcanos, nõbrados Aborigènes sobre razon del assiento q̄ los Hespañoles haziã en el rio Tybre, y cõ otros tãbien llamados los Enõtrios, naciones todas libres, y poderosas en aquellas partes: las quales no reconociã hasta entonces superioridad a nadie, y dado q̄ a los principios destas cõtiendas el partido d' Hespañã, no tra xesse por alli mucha vêtaja, fue cierto, q̄ con las nueuas ajudas q̄ sobreuenierõ, tornò presto tã sobre si, q̄ hizierõ grã estrago en sus aduersarios, y entonces se fortalecieron los Hespañoles vnos con otros mucho mas que nunca, y dierõ facion a su pueblode Roma, en que primero viuiã, baste ciendola, y acrecentandola de proposito: cõ todo esto siempre fueron mucho guerreados de

*Floriã. c. 21
fol. 40.*

Segunda parte da defenſaõ

los Italianos ſus vezinos, y fronteros, lo qual dio mucha cauſa para que deſpues el Rey Sic Ano paſſaſſe en Italia personalmente con vn gran exercito, y armada de mar tan pujante, quanto fue poſſible ſacarlo de Heſpanna. Y llegado alla puſo en tales aprietos a ſus contrarios, que muchos dias eſtuuieron ſuſpenſos, y atemorizaedos, ſin oſar acometer nada de lo que ſolian, dãdo muestras peralo de adelante, que ſerian pacificos, y quietos, mas como el Rey Sic Ano tuueſſe poca certinidad, o credito dellos ſeñalo cierta parte de ſu gente, que reſidieſſe, y quedafſe con los Heſpannoles antiguos en la conſeruacion daqueſta ciudad, y ſu prouincia, y los tales Heſpannoles que por allã dexó, hizieron deſpues vn otro linaje por ſi llamado de los Sicanos diuerſos de los otros Morgêtes, & Sycôros vezinos, y principiadores de Roma. Eſto concludido, y aſſentado quanto mejor fue poſſible, el Rey Sic Ano con la ſobra de ſus exercitos: quifiera tornar luego en Heſpãna, quando llegaron nueuas al Rey que los otros Heſpannoles moradores en Sicilia, traían guerra mucho cruel y trauada, con ciertas naciones de aquella Isla, llamados los Cyclopes, y Leſtrigonas, que tambien quifieran echarlos della ſi podieran. Eſtos eran gente feròs, y terrible, tanto que es cierto ſer todos o los de más dellos

dellos gigantes crudelissimos de fuerça, y bravesa demasiada. Llegado en Sicilia despues que tomò tierra los aduerfarios le salieran al encuentro, y alli juntadas las hazes vnas con otras, huieran su batalla la màs peleada, y màs sangrienta que en aquellos tiempos se sepa, en que con el esfuerço deste buen Principe, y con la valentia de los suyos fueron los Cyclopes, y Listrigonas destrozados, y muerto gran numero dellos: mas ellos eran tan feroces, que por esto conuino al Rey Sic Ano, dexasse alla lo màs de aquel exercito, los quales defendieron la tierra maravillosamente, y poblaron nuevos terminos, y nuevos lugares en todo lo màs seguro que podian. Destos lugares fue principal, y primero la villa que nombraron Zancle, la qual fue despues llamada Mesaña, y agora Mecina; de aqui tambien resulto, que muchos años despues la Isla fue dicha Sicania por causa destos Sicanos, que alli quedaron, y de su Rey Sic Ano, perdiendo de todo punto la nombradia de Trinacria, que hasta entonces tenia, que significa tierra triangular, o de tres puntas, quales la tiene aquella Isla en su figura. Trouxe estas palauras todas de Floriaõ do campo, assi porque palaura por palaura vai confirmando a verdade da Monarchia, como tambien porq̃ de p̃oto a p̃oto cõtradizo parecer do

Segunda parte da defençaõ

Solino de
mirabil.
mundi.
Aulo Gellio
noct. att.
Leonar aret
na discricão
de Sicilia l.1
de bello puni
Girundenſe
de primis
His.inco l.1
Beuter na
Chronicage
ral d'Heſpan
Pineda 1.p.
Gariu. c.19
Zozomeno.

do Exame das antiguidades, y delle o não ter li-
do, não he minha a culpa. O mesmo acerca dos
Sicanos serem dos primeiros habitadores de Si-
cilia, affirmão Solino de mirabilibus mundi, Au-
lo Gellio lib.1. noct. atticarum. Leonardus Aret.
na discricão de Sicilia, lib. de primo bello puni-
co, o Bispo Girundenſe lib.1. de primis Hispania
incolis fol.7. & 9. Esta mesma opinião, & ver-
dade seguem Pineda na primeira parte, Pedro
Antonio Beuter na Chronica geral d'Heſpanha,
Gariuai no ſeu compendio Historial, cap.19. fol.
109. com todos os Historiadores Heſpanhoes, a
quem deuemos dar inteiro credito, porque os
eſtrangeiros não trataõ deſtas partes, ſenaõ de
paſſagem em quanto lhe pertence à ſua historia,
& ainda Zozomeno presbitero Piſtorien. diz.
*Insula Sicilia primum Sicania dicta est à Sicanis, qui
eam primum incoluerunt.* E vindo ao particular de
Diodoro Siculo, que o exame diz chama necio
a Philisco, cuja opinião por nescia não ſegue, ſe-
guindo em tudo a Thimeo. Respondo: eſtã
tam longe Diodoro de ſeguir neſte parti-
cular dos Siculos de Sicilia a Thimeo, que os
lououres que lhe dà he dizer delle (& por aqui
julgarã ſe o ſegue) prome teo muito, & não fez
nada, gaſtando todo o tempo em reprovar, &
reprehender eſcriptores: no que foy taõ exceſſi-

uo, que desta má natureza sua, naceo chamaré-
no como em prouerbio, o Reprouador, *qua ex re obtrektor est cognominatus*. Este Zoilo de hōra,
& credito dos proximos, reproua com muitos
argumentos, por não perder o costume a Phi-
lisco, os quais não aponto por ser tempo mal
gastado, & não sei que rezaõ possa ter o nosso
Exame pera afirmar, seguio Diodoro a Thi-
meo de quem diz assim estes louuores, como os
que se seguem. *Thimeus sane tum temporum exqui-
sitam diligentiam, tum plurimarum rerum historiam se
traditurum pollicitus quod nimirum operæ in alijs redar-
guendis, impenderit, culpatur*. Quer dizer, Thimeo
fez grandes promessas de fazer hũa historia de
muitas, & varias cousas com exquisita, & nota-
uel diligencia dos tempos, & computações del-
les, & assim não ha homem douto que o não
culpe de prometer muito, & não fazer nada, &
de se occupar todo em reprouar authores, &
não em escreuer historias, por cujo respeito me
resolui em seguir o estilo, & modo de escreuer
de Ephoro: consta esta resolução sua das pala-
uras seguintes, que na minha impressãõ se podẽ
leer à fol. 176. pag. 2. *Huius nos morem, quoad fa-
cultas tulit secuti, presentem librum describendis In-
sulis distribuimus: queis primum se offert Sicilia, que op-
tima Insularum omnium rerum antiquitate, ceteras
antecellit.*

Diodor Sic.
l. 6. c. 1.

Diod. l. 6. c. 1.

Diodor. Sic.
l. 6. c. 1.

Segunda parte da defensão

antecellit. *Hac olim Trinacria ab eius forma primum appellata, Sicania deinceps ab incolis, dicta est.* Como se differa seguindo o estilo de Ephoro, distribuiremos este liuro em descreuer as Ilhas, das quais a principal he Sicilia, chamada antigamente Trinacria pella forma que tem triangular, & despois Sicania dos Sicanos antigos moradores della. Perguntara eu agora ao nosso Autor, se he esta a autoridade de Diodoro Siculo, & se he esta a Ilha de Sicilia, ou Trinacria? & se he isto dizer Diodoro, se chamou antigamente Sicania dos Sicanos? como escreue a Monarchia, & se segue Diodoro a Thimeo, que o nega, ou Philisco que o affirma? & no mesmo liuro 6. no cap. 2. fol. 178. pag. 2. diz Diodoro Siculo o seguinte. *Nunc de Sicanis, qui primi in Sicilia habitauerunt, quoniam de eis Scriptores discentiunt, est scribendum. Philistus eos ex Iberia in Siciliam venisse affirmat, qui id nomen à Sicano Iberia flumine traxerunt.* E isto em substancia he o mesmo quasi que a Monarchia diz nas palauras seguintes. Como esta gente entrou em Sicilia debaixo da capitania de Sicano, lhe chamaraõ dahi em diante Sicanos, & a Ilha Sicania, como parece sentir Diodoro Siculo, quando affirma, que huns Hespanhoes chamados Sicanos a pouoaraõ primeiro, inda que diz serem naturaes de aquella parte onde corre o rio Sic Oris.

Diodorus
l. 6. c. 20

Britton

Prose

Profegue Diodoro Siculo dizendo. *Ceterum, hæc Diodoro l. 6*
bitabant priscis temporibus Sicani in montibus natura cap. 22
munitis in quibus vrbes latronum metu edificarunt.
Nulli enim Regi suberant, sed suus cuique vrbi inerae
Princeps. Hi primum vniuersam tenere Insulam, agros
collentes, ex quibus vitæ cibum sumebant. Postmodum
Ætnæ Ignes qui proximas Regiones vrebant eructante,
cum plures annos id incendium patriam vastaret timo-
re acti omiſſis orientalibus locis, partes quæ ad Occi-
dentem vergunt, petiere. Multis deinde seculis Sicoli
ab Italia in Siciliam profecti, loca tenuerunt à Sicanis
relieta. Opibus deinceps, ac viribus potentes propinquis
agris occupatis, quotidie magis imperium augebant, quo-
ad bello sæpius cum Sicanis moto, certo post modum
federe, agrorum fines, innicem statuerunt, & mutato
nomine Siculi sunt appellati. Quer dizer. Deixan-
do opiniões, & argumentos de Thimeo, a ver-
dade he, que nos tempos antigos habitauão os
Sicanos nos montes mais altos de Sicilia, inex-
pugnaueis, & fortes por natureza do sitio, & nel-
les pera se poderem defender melhor dos la-
drões, edificarão cidades, tendo cada hũa em
particular seu Rey, ou Principe, que a governa-
ua. Estes Sicanos em seus principios occuparão
toda a Ilha, laurando os valles & campos, onde
colhião a sustentação de que se sustentauão,
porém como o monte Etna estiueſſe sempre

Segunda parte da defensão

mitando fogo, abraçadas com elle as Regiões circumuezinhas, vencidos de temor, & receo, deixada a parte Oriental, se mudarão pera a parte do Occidente: & vindo dahi a muitos tempos os Sículos de Italia pera morar em Sicilia, começarão a habitar os mesmos lugares, que por sua incommodidade tinham deixado os Sicanos, os quaes se fizeram tam ricos nas fazendas, & tam poderosos nas armas, que desejan-do acrescentar mais seu imperio, tinham continuas guerras com os Sicanos antigos moradores da ilha. E como da guerra naça às vezes boa paz, vierão a concerto, & com hũa confederação justa, repartirão, & limitarão seus campos, pondo marcos, & balifas, pellos quais se conhecia a demarcação dos pouos, & mudado o primeiro nome de Sicanos, se chamarão Sículos. Bem ve o nosso Autor, quam lembrado estava o da Monarchia de tudo o que conta Diodoro, & a pouca rezão que tene pera dizer se apartaua da opinião de Philisco, & a reprobaua por falsa & necia, seguindo a de outro por nome Thimeo, pois com as mesmas palauras de Diodoro lhe tenho prouado a verdade da Monarchia, & o engano de sua opinião, & se não basta este autor com os mais que acima apontei, ouça a Thuscides Atheniense libro 6. histor.

de bello Peloponensium, o qual falando de Sicilia diz assim. *Sicani primi demonstrantur incoluisse, atque ut ipsi prædicant, omnium primi, quippe cum sint illius terræ indigenæ, sed veritas arguit, eos Iberos esse oriundos, à flumine Sicano, quod est in Iberia, & ab his tunc dictam Sicaniam insulam, prius Trinacriam nominatam, qui adhuc loca Insulæ ad Occasum vergentia incolunt.* Isto tudo, & o que diz Diodoro Siculo & a Monarchia Lusitana, he o mesmo; & se inda isto não basta, lea o nosso Autor a *Florião do* *Floriã. c. 20* Campo nos lugares acima apontados, & achará, que os Sicanos Hespanhoes se differão del Rey ou Capitão Sic Ano, como tambem os Siculos del Rey Sic Oro, ambos Reys d' Hespanha. As palauras de *Florião* na minha impressão em *Samora cap. 20. fol. 39.* são as seguintes. *Despues que el Rey Athlante salio d' Hespaña, escriue Ioan de Viterbo, y Beroso, que luego reinô vn hijo suyo nombrado Sic Oro, en el anno 1626. antes de la natiuidad de nuestro Señor Iesu Christo, que fue 538. despues d' Hespaña poblada. A llamamos vn rio de Cataluña, que passa junto con la ciudad de Lerida, que los antigos solian dezir Sicores, por causa del Rey Sic Oro. Cierto es que parte de la Comarca cercana de sus riberas fue llamada Sicoria, y que dellas salieron gentes segun escriue Diodoro, y Seruio Gramma-*

Segunda parte da defensão

Thuscid. l. 6

Plinio li 3.
Lucano los.
de insolis
Siciliae

tico, que passaram en la Isla de Sicilia, y poblaron alla vna buena parte de tierra, la qual deuia de ser juntandose con los otros Hespañoles, que primero residian en ella, desde la jornada del Rey Athlante Italo. E Thuscides Grego lib. 6. falando dos Sicanos diz. *Hi magno cum exercitu in Siciliam transeuntes victis praelio Sicanis, & in partes, quæ meridiem, Occasumque spectant, remissis, fecerunt, vt pro Sicania, Sicilia vocaretur.* Deste rio Sicoro, ou Sicano faz menção Plinio no liuro 3. & Lucano libro 5. & delle se entende Thuscides de Insulis Siciliae, quando referindo a pouoação de Sicilia, diz, que Hespanhoes naturaes da prouincia, que rega o rio Sicano, passarão àquella Ilha, & lhe derão o antigo nome de Sicania, & quanto a serem Hespanhoes os primeiros moradores de Sicilia, affirmao Solino, Marciano Capella, Gariuay, & outros muitos, & se contra estas verdades todas, & authores tam authenticos, tem o nosso Author que replicar, & sua ventura lhe valha.

CA-

CAPITVLO XXVIII.

Tratase da sumptuosidade d'alguns templos dos Gentios em especial do de Hercules Egypcio em Hespanha, & de suas grandes superstições, com outras antiguidades curiosas:

Como a cega gentilidade se prezaua de agradecerida, & *ingrato homine terra peius, nihil creet*, segundo a sentença de Menandro, em nenhũa cousa pagauão beneficios com mais facilidade, que em fazer Deos a qualquer homê que lhe trazia algum proueito, & inuentaua qualquer arte de que lhe redundasse interesse nos bens, ou remedio nos males. Daqui naceo adorarem por Deos a Apolo, como notou Rauisio

*Rauisiotextus
fol. 124.*

por ser inuentor da medicina, conforme o que elle mesmo diz de sy em Ouuidio.

*Ouuid. lib.
Meta. & lo
10. de reme
dio.*

*Inuentum medicina, meum est, opifexque per orbem di-
corum, & herbarum subiecta potentia nobis.*
A Paõ reconheciaõ por Deos dos pastores, por ser o primeiro que achou a inuenção das frautas pastoris, com que apacentauão, & guiauão seus gados, segundo em suas Eglogas o cantou Virgilio.

Segunda parte da defensão

Virg Egl. 1. *Pam, primus calamos cuniungere pura instituit.*

A Cadmo filho de Agenor contaraõ no numero dos Deuses, por inuentar as letras, como quer Alciato, emblema 184.

Primus Agenorides elementa, notasque magistris tradidit. A Yo adoraraõ os Egypcios por Deusa, conforme diz Viana, tomando de Gotofredo Veringio, porque sendo filha de Inâco primeiro Rey dos Argiuos a furtou, & lhe fez força Iupiter Rey de Creta, por cujos ciumes a perseguiu Iuno, & fugindo de sua ira em hũa nao, que leuaua por insignia hũa vaca, fingiraõ os Poetas, a conuertera Iupiter nella, & que Iuno a entregara em guarda ao Pastor Argos. Mas deixando transformações poeticas, & seguindo a verdade da historia mais verdadeira, foy o caso, que aportando Yo no Egypto, ensinou aos Egypcios cousas de grande proueito, & muy necessarias à vida humana, cuja occasiaõ foy bastante pera acolocarem no cathalogo de seus Deuses debaixo do nome Isis. O mesmo costume seguirão quasi todas as nações gentilicas, dedicandolhe templos tam sumptuosos, que quasi poem em discredito a quem o conta, porque o templo de Iupiter em Panehea, de que faz menção Diodoro Siculo, lib. 6. cap. 10. tinha d'espaco duorum iugerum longitudinem, & ou-

Diodor. l. 6.
cap. 10.

tro

tro tanto de largo; as pedras delle eraõ todas de alabastro finissimo, estava o edificio armado sobre fortes, & grandes columnas, acrescentavaõ sua riqueza, & fermosura muitas, & muito grãdes statuas de diuersos Deuses, lauradas com summa delicadesa, & arte; as portas do templo eraõ d'ouro, & prata, cujo laor sendo curiosissimo causava admiraçãõ a quem o via: no meyo delle se armava hum leito de seis couados de cumprido, & quatro de largo, todo de ouro laurado com admiravel artificio, & inuençãõ extraordinaria, & juntamente com a cama estava armada hũa mesa d'ouro esmaltado, & hũas laminas grãdes do mesmo metal, em que estavaõ insculpidas por maõ de Mercurio, as proezas de Saturno, Iupiter, Diana, & Apolo. *Dei lectus sex cubitorum longitudine, quatuor latitudine, aureus totus, opificio splendido, ac vetusto, simili modo, & Dei mēsa, tunc magnitudine, tum pari impensa splendore que iuxta lectum posita.* Em Calabria junto da cidade de Croton, auia outro templo dedicado a Iuno, como diz Tito Liuiio, lib. 4. decad. 3. riquissimo por extremo, & entre algũas marauilhas que nelle auia, era hũa columna d'ouro macisso, cujo valor não tinha preço. Em Siria na cidade de Saora, junto ao rio Euphrates estava hum templo, o qual segundo escreue Luciano no dialogo

Diodoro si
cul. fol. 196.

Liuius, l. 4.
decad. 3.

Lucian. de
Dea Syria.

Segunda parte da defensão

logo da Dea Syria, tinha muitas estatuas de preço inestimavel, q̄ por arte do demonio pera enganar a gente ignorante, andauão sem ninguem as mouer, & fechadas as portas, ouuião falar d'entro como que os Deuses praticauão, & conuersauão hūs com os outros, & era tam grande a deuação que estes enganos diabolicos causauão nos homēs, que de Arabia, Phenicia, Babilonia, & Capadocia, mandauão ao templo infinidade de dões, & riquezas sem conto. A obra, & architectura, era mui bem laurada, & tam rica, que toda era d'ouro, & da mesma maneira a abobada, & a maior parte das paredes; no meyo do tēplo auia hũa quadra armada sobre colūnas, dentro da qual estauão duas estatuas d'ouro de Iupiter, & Iuno, posta a de Iupiter sobre touros, & a de Iuno sobre leões; estaua esta cercada de muitas, & mui ricas pedras preciosas, hūas brancas, que de uião ser diamātes, & outras de cor do ceo, como saphiras, & infinidade de rubins, & na cabeça hũa pedra a q̄ chamauão Lichmis, da qual sahia tam grande resplādor, q̄ alumiaua de noite todo o tēplo de maneira, que não fazia falta a luz do dia; no meyo destas duas estatuas de Iupiter, & Iuno estaua outra d'ouro fino, & em cima da cabeça hũa pomba do mesmo metal, empreza conhecida de Semiramis, emperatriz de Babilonia. Não

faltarão á nossa Hespanha estas, & outras supersticões semelhantes, porque tambem nella ouue hũ templo famosissimo dedicado a Hercules o grande, a qué esta nação adoraua por Deos, por respeito de suas grandes valentias. Durou este templo muitos annos, em tanto que entrando nelle Iulio Cesar, & vendo (segundo affirma Tráquillo) pintado nelle Alexandre Magno, com infinidade de tropheos, com lagrimas de seus olhos chorou sua pouca ventura dizendo, auia Alexandre conquistado o mundo de idade de trinta annos, & elle sendo da mesma, ou mais, não tinha feito cousa notauel, nem digna de se por em lembrança. Este templo por mais que o autor do Exame o negue, foy não menos rico, que sumptuoso, no qual estauão duas colūnas quadradas de inestimauel riqueza, por serem de ouro, & prata juntamēte derretida, como affirma Floriã do campo lib. 1. c. 17. fol. 26. cujas palauras Floriã do campo tratando da morte de Hercules Egepcio, a q̄ cha cap. 17. mão o grande, são as seguintes. Los Españoles celebraron sus obsequias con grã ceremonia, y enteraron su cuerpo en vna sepultura magnifica, dentro de vn tēplo q̄ juntamente hizieron, dōde le adoraron despues como a Dios, el qual tēplo durō muchos siglos en Hespaña, cō aquel monumēto sobredicho, y cerca del dos colūnas quadradas
d'oro

Segunda parte da defenſaõ

d'ouro, y plata juntamente derretida en cuyos capiteles eſcreuieron letras Heſpañolas quales en aquel tiempo las vſauan, que contenian el Epitaphio, y la razon de ſu muerte, y diuinidad; contenian mas otras ciertas razones, y vocablos, que dezian Hercules auer pronunciado antes que morieſſe tocantes al mar Oceano, como que fueſſen conjuro para que ſus agoas no dañalſen, ny anegaſſen aquellas tierras, en las quales palabras creya la gente commun eſtar gran virtud ſobre tal caſo, por cuyo reſpecto muchas naciones de diuerſas prouincias començaron a venir ally en romaria para le hazer plegarias, y encomendarſe a el, conforme a la ſuperſticion, y coſtumbre que los gentiles vſauan, y ally los ministros del templo les relatauan, y rezauan toda la vida deſte Dios Hercules, con que ſacauan limoſnas, y dadiuas para el templo, y para ſy, que montaron a la continua grandes intereſſes. Todo eſto es muy auriguado, y mui cierto. O meſmo Floriaõ no liuro 2. no cap. 9. fol. 80. diz que entrando os Pheniffes em Heſpanha mudaraõ eſte primeiro templo pera Calix com muito mór ſumptuoſidade, & magnificencia, ao qual paſſaraõ os oſſos de Hercules, com as columnas lauradas de chapiteis, & letras antigas Heſpanholas. Junto deſte templo auia dous poços,

Floriaõ. l. 2.
cap. 9.

ços, hum muito fundo, feito á maneira de fonte, com hũas grades ao redor cuja agoa era mais enxabida, que gostosa, a qual crecia, & mingoa-ua duas vezes no dia, & outras duas na noite: o seu crescer era quando o mar mingoa-ua, & o seu mingoar quando o mar crecia discrepando só nos mouimentos, sendo tam cóformes no sabor. O outro poço era muito ao contrario, porque sua agoa, posto que pouca, era doce, suaue, & mui delgada nas crecentes, & mingoantes que també tinha, confirmauase com a do mar, sendolhe tam contraria no sabor: junto do templo auia hũa aruore, não menos notauel que os poços, ou fontes, semelhante a hum pinheiro no parecer, inda que nas folhas o imitaua muito pouco, porque tinha cada hũa hum couado de cumprimento, & quatro dedos de largo, os ramos todos curuados em redôdo desde mais alto até o mais baixo, de maneira que chegauão a tocar as pontas na terra: quando cortauão algum destes ramos, o humor que delles sahia, era tam branco como leite, mas cortando algũa raiz corria sangue, & tanto mais corado, quanto mais fundas estauão as raizes, por cujo respeito dizia communmente a gente da terra. Estauão ali sepultados os tres Giriões, & que de seus corpos manaua o sangue, & nacera a aruore a que por esta
causa

Segunda parte da defensão

causa chamauão dos Giriões, & posto que no principio não era mais que hũa aruore, depois pella continuacão do tempo naceo outra de suas raizes, semelhante em tudo à primeira. Auia também neste mesmo templo dous altares, & hũa oliueira de ouro muito grande, copada, & alta, laurada com summo artificio, & carregada de fruita como azeitonas grossas, & espessas, feitas de esmeraldas Hespanholas, em memoria de seu capitão Pigmaleão, & da diuisa de oliueira que trouxe em suas naos, quando aportou naquellas partes. Esta oliueira tinhão os homens de Hespanha em grande veneração, não tanto pella riqueza de ouro, & perolas, como pellas perfeições q̄ tinha tão a natural, q̄ a mesma natureza parece que a fizera do primeiro templo deste Hercules Egypcio, diz o Doutor frey Bernardo de Britto as palauras seguintes. *Naõ serà fora de*

*Britto, in
Monarchia*

proposito referir hũa cerimonia, que o proprio Laymundo cõta neste caso assas curiosa por ser tão antiga: pera o que he de saber, que os antigos tinhão por hum sacrilegio grandissimo ousar alguem ver o sol quando se lançaua no mar Occeano, porque realmente cuidauão, que por se o sol, não era mais que cair do ceo na agoa do mar, & apagar-se do resplendor que tinha como hum ferro ardente faz metido na agoa, & por este respeito, não ousando ver aquella falta no que elles tinhão por Deos de baixo

do nome *Apolo*, vir anambe as costas tè que de tolo er a posto. Contra esta superstição, se leuanta o Apurador das antiguidades dizendo, que nunca *Strabo* tal disse, & que naquelle tempo não auia noticia de tal nome de *Apolo* no mundo, mas porque apontando a Monarchia com *Laymundo Ortèga* pera proua desta superstição genti-lica, não quer o nosso Autor do Exame, que apõ te senão com *Strabo*, & deixarei a resolução desta controuersia pera o capitulo seguinte, lembrandolhe primeiro ouue templo de *Hercules* em *Hespanha*, como cõta a Monarchia, por mais que elle o negue, & eu largamente deixo neste capitulo prouado.

CAPITULO XXIX.

Tocase a diuersidade de nomes, que teue o Sol entre os antigos. Dase conta de quem foy iupiter, & dos filhos, & filhas que teue, & das muitas superstições que tinhaõ os Gentios na adoração de seus Deuses.

Cousa certa he ser o Sol o mais principal de todos os sete planetas, & como lhe de-
uemos

Segunda parte da defensão

uemos tanto por nos dar a luz, & claridade que a noite nos rouba, não ouue nação no mundo, que se não mostrasse agradecida, & obrigada aos beneficios que delle recebe: & como sejaõ tam varias as nações, varios foraõ tambem os nomes com quẽ o nomearaõ, porque os Caldeus lhe chamaraõ Schem Schia, que se interpreta Ministro de Deos, & da natureza, os Gregos antigos, Delphio, & tambem Elias Hiòs diriua do de El, dição Hebreá, que significa Deos, porque muitas nações, carecendo do conhecimento do verdadeiro Deos o adoraraõ por tal; entre as quais se auentajaraõ os Phenicios. Entre os Assirios, era o seu nome Adad, na lingua Hebraica Chamah, ou Schem, Scha, & na Siriaca, Schem, Scho, que em hũa, & em outra se interpreta Ministro de Deos, & da natureza. Os Latinos lhe chamarãõ Sol, & Apolo; os Ingrefes Sones; os de Phenicia, Hiliogabalo; os Alemaes, Soon, os Catabios, Egúz quia, que significa cousa que faz odia. Os de Bretanha, Engnaull. Os Flamengos Sonne, & pera que não estejamos gastando tempo em particularizar nações, hũas lhe chamauaõ Marte, outras, Loxias, Pean, Lemio, Libistino, Didimeo, Ebona, Serapin, Fanera, Esculapio, Mercurio, Attis, Iupiter, Pan, Adonis, & Saturno, porem o nome mais commum, & conhecido

entre

entre todas as nações, vniuersalmente era Apolo, a quem Platão sendo tam antigo, chama Apolo por sua fermosura, & por outro nome filho visuel de Deos; & Philo Judeu, grande Rey. A Apolo adorauão os Egypcios por Deos, como cõsta do mesmo Philo Hebreu, libro de Monarchia, & lib. de vita Moysis. Poré pera proceder mos nisto cõ mais clareza, digo q̃ sendo Iupiter hũ dos mais maos homẽs, q̃ o mundo teue, quando dos peores não fera o peor, foy tam cega a gentilidade, que conuertendosse por arte diabolica em varias figuras, como diz Arnobio contragẽtes o adorauão por Deos, não por bondade algũa que tiuelle, senão por fingimentos com que os enganaua. Hũas vezes transformandose em Aguia pera roubar a Ganimedes filho de Tros, Rey de Troya, outras em Cisne fazendo força a Leda, molher del Rey Tindaro de Laconia: em Touro pera furtar a Europa, filha del Rey Agenor, em Dragaõ pera viciar a Olympias molher de Phelippo Rey de Macedonia; em Formiga, quando procurou de auer às mãos a Chlitorina filha de Milmidon Rey dos Athenienses; em gotas de ouro pera corromper a Danaes filha del Rey Acrisio dos Argiuos, & em Cabraõ pera forçar a Penelope: pera cometer estas obras, diz Sancto Epiphanyo in anchorato que foi

Platão. l. de republico.

Pierio. l. 44. c. de Sole.

Philo Iudeu l. de mundã opificio.

Philo Heb. de Mona. & lib. de vita Moys.

*Arnobio cõ-
tragemes.*

*S. Epiphanyo
in anchoro.*

Segunda parte da defensão

Inl. de nar.
deorum
Theod. l. 8.
de Euang.
cog.

Fulgen, in
Misheolog.

Phornuto.
lib. de nat.
deorum,

grande magico, & não menor feiticeiro, & por
que estes males, não deixassem de ter companhia
prendeo a seu pay Saturno no monte Caucaço,
forçou a sua mãy, corrompeo a sua irmã, violou
a sua propria filha, & casou se com ella, & junto
cõ isto teue outras muitas mãcebas, como con-
fessa M. Tullio de natura deorum, & o aponta
Theodorito, lib. de Euangel. cognitione. S. Au-
gustinho lib. 4. de ciuitate, cap. 25. Por estas obras
taõ dignas cada hũa dellas de eterno castigo, o
adoraraõ os cegos gentios por supremo de seus
Deuses: & como eraõ tantas as mulheres, ou
mancebas, hũas por força, outras por vontade,
teue tambem muitas filhas, & filhos; & como
tam bom pay, quilos deixar todos adoezados, &
feitos Deuses, dando a cada hum dões particula-
res, pellos quaes fossem conhecidos. As tres Gra-
ças auidas por filhas suas, a primeira deu dom-
de merecer o beneficio, que lhe faziaõ, a segun-
da o saber conhecelo, & a terceira o poder de
remuneralo com dobrada satisfação, donde
disse S. Fulgencio, que a graça quando fae, ha de
ser delgada, & sem interesse, nem pretençaõ al-
gũa, mas quando tornar ha de vir muy carregada
de satisfações. Pintauaõnas nuas, pera mo-
strar que o fazer bem ha de ser com ligeireza,
como notou Phornuto, & sem respeito algum
particular

particular, como diz S. Fulgencio. A Lucina fela auogada das molheres prenhas ao tempo de parir, a Diana deu a guarda dos mininos pequenos, & da comida, q̄ naquella téra idade he mais accommodada a sua fraca natureza. Aas horas que tambem dizião ser filhas suas, deu a cada hũa seu particular officio pera o concerto da vida, & proueito dos homês, como diz Diodoro li. 1. & 2. fazendoas porteiras de sua casa segundo ei creue Pausanias nas suas historias Gregas. A Pallas encarregou as azeitonas, & tirar dellas o azeite, o fiar, & tecer vestidos, por cujo respeito foy chamada operaria. Aas Musas sendo noue, repario a cada hũa a inuenção de sua arte; A Chelio a maneira de escreuer a historia: a Thalia a arte de plantar as aruores: a Euterpe o inuêtar as frautas: a Melpomene a Musica, & canto: a Terficore o dançar ao cortesaõ: a Erato, os bailos das bodas ao pastoril: a Poliminia, a agricultura: a Vramia, a astrologia: a Caliope, a poesia, & a Minerua, por que achou os escudos, & elmos, a fez junto com Marte Deusa das batalhas. Alem disto era tam cega a gẽtilidade, que lhe persuadio o demonio q̄ não podendo Iupiter ter filhos de sua molher & irmã Iuno, dera hũa punhada na cabeça, da qual faira Minerua, armada de ponto em bráco como quẽ não diz nada; ou conforme outros au

S. Fulgentio
vbi supra.

Diodorus li
1. & 2.

Pausan. in
hist. Grec.

Segunda parte da defensão

*S. Aug. l. 18.
de ciuit. c. 8.
Ludou. viii.
cap. 12.*

*S. Aug. de
ciuit. l. 3. c. 4.
& l. 18. c. 10*

Homero.

*Ouid. lib. 6.
Metap.
Lucano l. 1.*

tores, chamou a Vulcano, & mandoulhe q̄ com hũ machado lhe abrisse a cabeça, & como em dando, & fazendo tudo fosse hũ, saltou Minerua della fora armada d'armas brancas com sua espada na cinta, & escudo abraçado, com todos os mais petrechos bellicos; assim o diz S. Augustinho lib. 18. de ciuit. c. 8. & mais claro o seu Esculpiastes no c. 12. Não deixou Iupiter os filhos orphaõs de prerogatiuas particulares, porq̄ a Vulcano deu a inuẽção de luras, cobre, ouro, prata, & todos os mais metaes, que cõ fogo se laurão; a Marte, que fosse presidẽte das batalhas, por inuẽtar as armas com q̄ se mataõ os homẽs; a Mercurio entre outros officios fez Deos das mercancias, a quem, como diz Homero, sacrificauão gallos, dando a entender, que os homẽs letrados, q̄ trataõ negocios de importancia, conuem velar, & dormir pouco, como o faz o galo. A Apolo, em que consiste o ponto da nossa duuida, por cuja occasiãõ toquei os disbarates destes homẽs mais que cegos, pois adorauão por Deuses homẽs tãõ facinorosos: a Apolo digo, fez Iupiter inuentor da arpa, & viola, da arte de medicina, do arco, & frechas, & modo de tirar: & porque matou com hũa seta a serpente chamada Pithon, indo perseguindo a sua mãy Latona, por mandado da Deusa Juno, como diz Ouidio li. 6. meta. & Lucano l. 1 se

se chamaua a sua sacerdotissa Pithia, & as q̄ da-
 uaó repostas, q̄ o demonio lhe ensinava, chama-
 uão Phitonissas, por serẽ como erãõ ministras de
 Apolo, chamado Phitõ, ou Phitus; & atè entre os
 Iudeos auia esta mã semente, como se vê 1. Reg.
 c. 28. onde mandou Saul buscar hũa destas Phito
 nifas, pera saber della o successo da guerra q̄ em-
 prendia. *Querite mihi mulierem habentẽ Phitonẽ.* & S.
 Chriostomo sobre a epistola 1. ad Corinth. fala
 largamẽte destas sacerdotissas de Apolo, & S. Pau
 lo achãdo no templo de Diana em Epheso hũa
 destas Phitonifas, mandou, como cõsta dos actos
 dos Apostolos, ao demonio saisse da pobre mo-
 ça, ficãdo dahi por diante liure de adeuinhar cõ
 palauras equiuocas, o q̄ não sabia na realidade
 da verdade. Paulo Orosio em sua Ormesta mũdi
 trata largamẽte dos ardis de Apolo, & diz q̄ não
 auia nação no mundo q̄ não hõrãsse este oracu-
 lo, & este nome, & não sõ em Delphos, & Tracia,
 como diz Macobrio Satur. li. 1. c. 17. mas em Siria
 & em Canaam particular habitação dos Philif-
 teos, & em a cidade d'Acharon, o adorauão por
 tal debaixo do nome de Beelsebub, & não sõ os
 gentios cegos, sem luz da fè, & conhecimẽto do
 verdadeiro Deos, mas os mesmos Iudeos mimo-
 sos, fauorecidos, & ensinados pello spirito Sãto cõ
 ley, cõ marauilhas, & santos Prophetas, andauão

1. Reg. c. 28.

Chriost. ep.
1. ad Corinto
Act. c. 16.Paulo Oro-
sio Ormesta
mundi.Macrob. l. 1.
c. 17.

Segunda parte da defensão

4 Reg. c. 1

doentes desta lepra infernal, como consta do quarto liuro dos Reys cap. 1. onde lemos mandou Ochofias Rey de Israel consultar o Oraculo de Apolo entendido debaixo do nome de Beel-sebub, Deos de Accaron: porque como andaua o mundo tão cego, persuadialhe o demonio q̄ Marte presidia nas guerras, Iupiter nos rayos, Mercurio na eloquencia, Plutão nos thesouros, Iuno nas riquezas, Venus nos amores, Pallas nas batalhas, Minerua na sabedoria, & Apolo nas repostas, & declaração das cousas diuidosas, & contingêtes. Sêdo pois assim como he tam antigo o adorarê os homêsignorâtes, cheos de ignorâcias, & erros, por Deos a Apolo debaixo deste nome Apolo, ou de outro q̄ o significaua, não sei como oufou a dizer o nosso Autor do Exame, parecendo-lhe encontraua a Monarchia, que nunca tal ou uera no mundo; mas agora estou certo, q̄ neste particular de Apolo se chamar por este nome nos tempos antigos, lhe parecerà tambem a Monarchia nesta opinião, como me a mim parece todas as suas fora desta empreza. Quanto a dizer que o nome de Apolo he moderno, & que o não podião os antigos moradores do Sacro promôtorio adorar debaixo deste nome, responde por mim Cicaro de natura Deorum lib. 3. chamando-lhe antiquissimo, Apolinem antiquissimum, quem

quê paulo ante, &c. quãto mais q̃ Apolo foi filho de Iupiter, & Latona, como diz Ioan. Boe. l. 5. gene. de or. ou de Saturno, segundo affirma Apolo doro l. 1. bibliot. donde Natal. l. 9. c. 6. Hesiodo, Theog. & Homero em hum hymno de Apolo, quando diz: *Inclyta Latona o Saturni filia magni.* Isto presuposto, julgue agora o nosso Autor, se he moderno, ou antigo o nome de Apolo, que de seu parecer fio a resolução deste ponto.

CAPITULO XXX.

Prouase com muitos exemplos a superstição com que os moradores antigos do Promontorio sacro, venerauão a Apolo. Tocase a este proposito muitas antiguidades tocantes a esta materia. Trata-se do fogo inextinguivel do templo de Iuno, & outras cousas curiosas.

V Indo ao segundo ponto de virarem os nossos antigos Hespanhoes, principalmente os q̃ morauão no Promontorio sagrado as costas ao sol quãdo se punha, indo visitar o templo de Hercules Egypcio; digo que deste templo por mais q̃ o Autor do Exame o negue, *Epuf. Gi. rüd fol. 15.* trata mui exactamente o Bispo de Girona fo. 15. & 16.

Segunda parte da defensão

& 16. pag. 2. onde diz. *Ad extremum Oceani Promontorium vbi sacrum erat Herculis templum, & sacrum est appellatum Promontorium, &c.* E quanto á superstiçãõ de lhe virarem as costas, quando se punha ja que o não posso prouar com Laymundo, que a Monarchia aponta, proualoeey com outras superstições semelhantes, porque andaua o mundo no tempo antigo tanto aas escuras, que lhe persuadia o demonio, outras cousas muito mais alheas do entendimento humano, porque que cousa mais fora de caminho, que persuadirem os sacerdotes de Serapis ao mudo, que sendo estatua deste seu idolo cõposta de madeira & metal, a amaua tanto a Deos Apolo, que em final do amor grande que lhe tinha, inda bem não apontaua no Oriente, quando ya decia do ceo a lhe dar na boca beijo de paz. Pera este engano tinhão feita hũa janella subtilissima, & muito pequena com tal compasso, & porporçãõ que chegando ali os rayos do sol, vinhão diretamente tocar na boca de Serapis, & andauão os homẽs tam alheos de si com esta enganosa inuençãõ, q̃ concorria infinidade de gente de diuerfas partes do mudo auer aquella marauilha, ou pera dizer melhor, infernal engano. Tinhão tambem os sacerdotes dos Idolos no templo de Serapis em Alexandria, hũa imagem do Sol feita de ferro com

gran

Rufino l. 11.
Eccl. hist.
Ludou. vii.
sup Aug. de
civ. l. 1. c. 6

grande subtileza & arte, & no mais alto do tēplo ou capella, hũa grande pedra de ceuar cuja virtude he tam efficaz pera atrahir a si o ferro, q̄ chegou a dizer della Thales, hum dos sete sabios de Grecia, tinha esta pedra alma; & como por particular virtude, q̄ lhe cōmunicou o Autor da natureza, va leuando a si o ferro, posto o simulachro em distancia cōueniente, pouco a pouco o hia atrahindo a si, de maneira, q̄ ficaua no ar leuado da força natural da pedra, & o pouo ignorāte enganado cō esta ficção, imaginaua decia Apolo do ceo, & ficado no ar como Deos, vinha cōuersar cō o seu Serapis: posto q̄ santo Augustinho cōta este engano no liu. 21. de Ciuit. ca. 6. doutra maneira, & diz o D. Sagrado, q̄ na planta do tēplo tinhão os Sacerdotes posta hũa grãde pedra de ceuar, & no tecto delle outra, & o simulachro como era de ferro, & estaua entre hũa, & outra pedra, forçado da força natural das pedras ambas, ficaua no ar cō tanta admiração da pobre gētilidade, q̄ quasi não oulãuão aleuatar os olhos pera os por no Idolo, adorandoo com tanta superstição, que se não tinha por homem, quem com ella não empregaua em seu seruiço toda a vida. Que mor cegueira podião cometer os homēs, que adorar por Deos hũa cabeça de Baccho feita de pao,

*S. Aug. l. 21.
de ciuit. ca. 6.*

*Demaus
philos.*

segundo diz Demaus Philosopho? Que mor dili-

Segunda parte da defensão

deliramento, que sacrificarem os pays aos demonios os proprios filhos, que geraraõ, o que não fazê as feras, q̄ no monte nadem. Cõsultarãõ os Athienienfes o remedio q̄ terião pera remediar a grande fome q̄ padeciãõ pella morte de Androjeo filho de Minos Rey de Creta, & respondeulhe o Oraculo de Apolo tomassem sete mãcebos, & outras tantas donzellas, & as leuafsem a Creta todos os annos, pera serem sacrificadas aos Deuses: & não durou taõ pouco este abominavel costume, q̄ não durasse quinhentos annos tẽ o tempo do philosopho Socrates. Os versos q̄ o demonio respondeo tras Eusebio de præparat. Euang. liuro 5. cap. 10. & não ouue nação em q̄ não entrasse este diabolico costume, porque tẽ os Iudeos não ficarãõ izentos deste mal, conforme aquillo de David: *Immolauerunt filios suos, & filias suas demonijs.* O glorioso S. Augustinho no liuro da cidade de Deos conta d'hum tẽplo de Venus, em que auia hũa alampada, ou vella acesa, a qual ou soprassem ventos, ou corresse nuens, & desfeitas em tempestades alagassem o mũdo, nada era poderoso pera a apagar, por cujo respeito lhe chamauaõ, *Lucerna inextinguibilis:* & sendo assim q̄ este fogo era feito por arte magica, ou (como aduertio S. Augustinho) q̄ o mesmo demonio debaixo do nome de Venus, se representaua

Euf. Ces. de
præp. Euãg.
l. 5. c. 10.

Euse. lib. 5.
cap. 10.

Psalmi

S. Aug. vbi
supra.

sentava cõ tãta efficacia, q̃causava este prodigio aos olhos humanos; era com tudo tão grande a superstição, com q̃ por esta causa veneravaõ o Idolo, que não oulvaõ a pôr os olhos nelle, & se com hũa alãpada acesa fazião isto os homês, que muito he fizessem o mesmo os q̃ viuiãõ no promontorio sacro, onde estava o tẽplo d' Hercules, vendo apagar, conforme sua imaginação, aquella alampada da natureza, como lhe chama Homeio? Do tẽplo de Iuno Lacinia, do qual fez hũa empreza o Marques del Vasto, escreue Hieronymo Ruchelo estas palauras. *Mete mons. Gio Ruchelo nas suas emprezas.*

nio, questa impresa, & espone ch' ella era il tempio de Giunone Lacinia, il quale sostenuto da colone aueua vn' saso

altare in mezo col fuoco acceso ch' per niun vento non si spegneua mai anchor ch' il tempio fosse aperto da ogni parte per li spattio de gli intercolonnis. E soggiunge ch' il Marchese la fece per dimostrare ad vna dõna da lui lungamente a mata ch' il fuoco dell' amor suo, era eterno, & inestinguibile come quella della già detta Giunone Lacina. Posto que Plinio no liuro 2. conta esta marauilha, não do fogo, como diz Iouio, & Ruchelo, senãõ da cinza dos sacrificios posta sobre o altar, cujas palauras saõ as que se seguem.

In Lacinia Iunonis ara subdio sita cinerem immobilem esse, siantibus vndique procellis. O mesmo affirma Valerio Maximo. lib. 1. dizendo. Qua propter

Crotone

Plinio l. 2.

Iouio & Ruchelo, vbi

supra.

Val. Max.

lib. 1.

Segunda parte da defençaõ

*Crotone in templo Iunonis Laciniæ aram ad omnes ven-
tos immobili cinere donauerit potissimum.* Mas, ou
fossem cinzas que os ventos não leuauão, ou
fogo que com elles se não apagaua: tudo era in-
uençaõ do demonio. Em Roma no templo de
Vesta, em Athenas, no de Minerua, & em Del-
phos, no de Apolo sempre auia lume perpetuo.
Pedro Appiano no liuro Inscriptio-
nis totius or-
bis fol. 337. diz se achou em Padua hũa sepul-
tura com este lume inextinguiuel, em hũa vela,
ou alampada aceza, metida em duas urnas,
hũa de prata, & outra de ouro com huns versos,
que diziaõ.

Appiano l.
inscriptio-
nis totius or-
bis

*Plutoni sacrum munus ne attingite fures
Ignotum est vobis hoc, quod in vrna latat
Namque elementa graui clausit digesta labore
Vase sub hoc modico, Maximus Olibius
Adsit fecundo custos sibi copia cornu
Ne præcium tanti deperiat laticis.*

Os versos da segunda urna eraõ os seguin-
tes.

*Abite hinc pessimi fures
Vos quid voltis vestris cum oculis emisistis.
Abite hinc vestro cum Mercurio petasato, caduciatog;
Maximus, maximo donum Plutoni hoc sacrũ fecit.*

No cõmento de S. Augustinho, lib. de ciuit. 21. c.
6. se lê, que em hũa sepultura antiga, se achou

hũa

hũa alampada, ou vella acesa, que conforme o titulo, & inscripção que nella se auia feita a computação dos tempos, auia mil & quinhentos annos que ardia sem se apagar. Vsa o demonio d'algũas coufas naturaes, como alume de piuma, como se pronuncia na lingoa Italiana; na Arabica a lume de Iamen; na Latina, Asbestus; na Grega, Adianto, & Schistod, que se interpreta inextincto, ou inextinguivel, pera cõ estas inuẽções enganar os homês, & trazelos cõ admiração a adoração dos Idolos persuadindolhe he milagre, o q̃ muitas vezes nace de causas naturais, como affirma o mesmo Sancto Augustinho, lib. de ciuitat. 21. cap. 6. tratando do fogo inextinguivel do templo de Venus, onde diz. *Aliquid etiam in illa lucerna veneris de lapide asbesto, artificè fieri potuisse iam diximus.* Outras vezes vsa o demonio de encantamentos, & palauras tam forçosas, como mostra o mesmo S. Augustinho, trazêdo hũs versos de Virgilio no 4. dos Eneidos, o qual tratando de hũa molher feiticeira diz assim.

S. Aug. lib.
de ciuit. 21.
cap. 6.

Virg. 4. E.
neidos.

Hæc se carminibus promittit soluere mentes

Quas velit: ast alijs, duras immittere curas:

Sistere aquam fluijs, & vertere Sydera retro:

Nocturnosq; ciet manes mugire videbis

Sub pedibus terram, & descendere montibus ornos

Destas ignorancias, & superstições gentilicas fa-

Segunda parte da defensão

ço este argumento. Se a sabedoria Egypciaca, a eloquencia Grega, & a policia Romana se enganava com algũas cousas naturais, & outras artificiosas, que muito he, q̃ homẽs menos politicos, & mais barbaros, moradores no fim do mundo venerassem o sol, & cõ as ceremonias q̃ conta a Monarchia por authoridade de Laymundo, lhe tiuessem respeito, não ousando de por nelle os olhos, quando escondia seus rayos nas agoas do mar Oceano? & se os Egypcios não olhauão pera o seu Serapis, quando hum rayo do sol lhe tocava na boca, que espanto he, virarem lhe as costas os moradores do Sacro promontorio, quando se punha? & se os mais sabios não ousauão olhar pera a alampada de Venus, antes lhe virauão as costas, por não ver aquella maravilha, sendo assim, que era hũa vella feita por artificio; como não vñarião das mesmas ceremonias hũs homẽs ignorantes, vendo eclypsar seus rayos a hum olho do mundo, alegria do dia, fermosura do ceo, graça da natureza, & prestancia das creaturas, como lhe chama santo Ambrosio de operibus sex dierum? Couza certa he adorarem os antigos Egypcios por Deos, aos Ceos, a todas as estrellas, & astros delles com tanta veneração, que lhe attribuyam alma, como se elle fora capaz della. Dos Gregos affirma Platão em

*S. Amb. de
operibus sex
dierum.*

Cratillo, adorauão por Deos ao Sol, à Lua, às
estrellas, & ao mesmo firmamento, & não digo
ja os Gregos, mas os mesmos Iudeos lhe dauão
a adoraçãõ, que sãõ a Deos verdadeiro, cuja ley
professauãõ, era deuida, como consta do 4. liuro 4. Reg. 17.
dos Reys, cap. 17. onde diz a sagrada Escripura.
Adorauerunt omnem vniuersam militiam celi, serui-
runt que Baal, & del Rey Manassés, notou o Texto
sagrado, que *adorauit omnem militiam celi, & coluit* 2. Paralipo
eam: & não sãõ adorou as estrellas, & astros do 33.
Ceo, imitando nisto, como em tudo bem mal o
zelo, & virtude de seu pay Ezechias, mas ainda
lhe leuantou aras, & dedicou altares, *edificauit*
autem altaria cuncto exercitui celi. Os Philosophos 2. Paralipo
Platonicos a quem segue M. Tullio affirmauãõ 33.
tinhaõ alma os corpos celestes. São as palauras
de Cicero in sexto lib. de Republica, as seguin- Tullius, in
tes. *Hominibus animus datus est ex illis sempiternis* 6. lib. de Re-
ignibus, quæ Sydera, & stellas vocatis, quæ globosæ, & publ.
rotundæ, diuinis animatæ mentibus circulos suos, orbes-
que conficiant claritate mirabili. Philo Iudeu, in lib. Philo in li.
de somnis, diz, que as estrellas sãõ participantes de somnijs,
da rezaõ, & diuinas. Os Piripateticos, & seu me- & in lib. de
stre, & capitaõ Aristotel. assi no sep. & oct. natu- opific. sex
ralium, como no liuro 2. de Cælo affirma o mes- dierum.
mo dizendo. *Oportet ipsa viuientia esse existimare,* Arist. 7 & 8
atque actionem habere. O mesmo parecer segue natur. & de
Cælo, lib. 2.
Theo-

Segunda parte da defenſaõ

Theophrast.
l. de Celo.
Afrodiseo,
in cõment.
in lib. 12. p.
philos.
Auicena.
Algazeles.
Albumasar
Ali. Arato.
Manillo.
Zaeles.
Ptolomeu.
S. Aug. l. 8.
de Ciuit.

Theophrasto lib. de Cælo Alexander Afrodisco in comment. in l. 12. primæ philosophiæ, Auicena, Algazeles, Albumasar, Hali, Arato, Manilio, Zaeles, & Ptolomeu, os quais expressamente affirmam, que tem os Ceos alma, & que com ella viuem. Os Athenienses conforme escreue S. Augustinho liuro 8. de Ciuit. condenaram a morte ao philosopho Anaxagoras, só por negar não tinha o Sol alma intellectual, nem era, nem podia ser Deos. Donde formo este enthimema. Se homens tam doutos, Philosophos tam grandes, & gente pello mesmo Deos escolhida se enganauam com a fermosura do Sol, como se não enganariam com elles huns homens mais barbaros, que prudentes, & mais ignorantes, que auizados. Quanto mais que o Doutor frey Bernardo de Britto, não conta estas ceremonias dos moradores do Promontorio sagrado, como cousa infaliuel, senão com suas pedras de sal, apontando com Laymundo, & os historiadores que as contam, & não pondo em disputa a verdade dellas; & se nisto ey de dizer meu parecer, não lhe acho difficuldade algũa, pella qual se lhe não dê inteiro credito, porque se nos lemos em Sancto Augustinho, liuro de Ciuit. em Sancto Isidoro Ethimol. Em M. Tullio lib. de natura Deorum, em Dionysio Alicarnaseo, lib. 1. em

Aug. lib. de
Ciuit.
S. Isidor.
Ethi.
Tul. l. de Na-
tur. Deor.
Alicarnaseo
lib. 1. c. 2.

Tito

Tito Liuiuio, decad. 1. em Lactancio Firmiano, Liuius, de-
cad. 1. lib. 1.º
lib. 4. em Beda de natura rerum, & em outros & 2.
Firmian. l.º
4. cap. 23.
Beda de na-
tura rerum
infinitos, que os Romanos adorauão por Deos
a hũa pedra, que lhe não seruia de outra cousa,
mais que de demarcar as terras, & campos: &
lhe chamauão o Deos Termino, com tam nota-
uel superstição, que se alguem lhe tocava com
menos modestia do q̃ se deuia á sua falsa diuin-
dade, inda que verdadeira em sua opinião erro-
nia, não tinha menos pena, que a da morte, a
qual executauão com tam riguroso procedimẽ
to que não esperaua a pessoa que via este sacri-
legio pella sentença do Iuiz, nem defesado Reo,
senão em vendo, & fazendo, tudo era hum: in-
do bem o não via, quando ja lhe tiraua a vida,
tam longe de o castigarem por este delicto, que
ficaua tido em grande reputação, como quem
vingara a injuria feita ao seu Deos: A Syluano, a
quem os Gregos, como diz S. Isidoro, & Seruio,
chamão Pan, pintauão no os Antigos com os S. Isidor.
Ethim. l. 8.º
c. vltimo.
Seruio su-
per Æeyd.
virg. l. 8.º
rayos do Sol, com os cornos da Lua, o rosto a-
brasado, no peito estrellas, as pernas, pès, & vnhas
de cabra, a pelle de Tygre, nas mãos hum orgão
com sete frautas: & sendo assim que esta pintu-
ra he hũa pura chimera, & hum monstro de na-
tureza, chamauão no Licèò, ou Louino, por se
persuadirem tinha poder pera espantar os Lo-
bos,

Segunda parte da defençaõ

bos, & defender o gado. E imaginando arranca-
ua as eruas do campo, & os destruia depois de
femeados, o adorauão com tanta superstição,
que pello aplacar lhe sacrificauão hum cabrito,
ou cordeiro cozido com leite, com outros ritos
gentilicos, que se podem ver na minha Polian-
thea Lusitana, na vida de S. Victor. tratando do
Idolo Syluano. Os mesmos Romanos, & Eryp-
cios sendo naquelle tempo a policia, & saber do
mundo, adorauão por Deos, a hum animal de
geração de Bugios, chamado Cinocephalo, co-
mo notarão Solino, Diodoro Siculo, & S. Ifido-
ro, cujo corpo he como de hum homem, com a
cabeça, & dentes de Cão. Estes Cinocephalos
mandauão os Reys do Egypto, segundo escre-
ue Eliano ensinar a tanger arpa, a ler, a dançar,
& a cantar (Fides fit apud Authores) o que apré-
dião, & fazião com tanta destreza, que admira-
dos os homens rudes assim por esta arte, como
tãbempor aprenderẽ delles os Sacerdotes, & Sa-
bios do Egypto, a diuidir o dia, & noite em vin-
te quatro horas, por certa natureza, q̃ nestes ani-
mais obseruou a experiencia, não obstante o se-
rẽ ferrosissimos, & brauos, como affirma Plinio,
o adorarão por Deos. Este Deos tal qual era, ou
pera dizer melhor, este demonio trouxe o pouo
Romano do Egypto cõforme quer, & o aponta

Solino:

Diod. Sicul.

S. Isidoro.

S. Aug. l. 11

de ciuit. c. 3

Eliano lib.

16. c. 8.

Plinio, l. 9.

cap. 54.

Lucano

Lucano em sua pharsalia libr.8. reconhecendo, & adorando nelle a diuindade que não tinha, como diz santo Augustinho, & tanto Isidoro: Não os desenganado ver não prestaua pera Deos, quem era tam pouco sabio, que os mesmos homês, ou mininos lhe ensinauão o que não sabião. Sendo pois isto assim como he, que gente tam douta, & politica viuia tam cega, que no meyo de sua sabedoria andaua tanto às escuras, que adorauão por Deos hum animal brauo coufa tam fora de rezão, & bom entendimêto, que muito he, que hūs homês que morauão no fim do mundo sem letras, sem sabios, & sem philosophos, que os encaminhassem, se enganassem có o Sol, & sua fermosura, adorandoo por Deos, & celebrando có summa admiração o esconder a claridade de seus rayos, debaixo das ondas do mar Oceano? Quanto mais, q̄ se os moradores do Promontorio sacro tiuerão algũ parentesco com Pontico Hostico, & com Smydirides, não fazião grande ventagem em virarem as costas ao sol quando se punha, por não verem tam grande falta no Deos que adorauão, pois hum, & outro confessa de si, não virão pôr o sol em vinte annos, ou mais, segundo aponta Rauifio Textor na sua officina.

*Lucano in
Pharsal. l. 8
S. Aug. l. de
ciuit. 3. c. 12
S. Isido Ethé
mo. l. 8. c. 118*

*Rauif. par. 2
fol. 77.*

Segunda parte da defensão

CAPITULO XXXI.

Tratase da virtude da Religião do templo de Vlysses, & fundação de Lisboa. To case a detença que Vlysses fez nestas partes de Lusitania, da rezão della, da carta de Penelope, & outras antiguidades.

Alexander
ab Alexan.
li. 4. c. 11.

Arist. Polit.
l. 5.

Dion. Nize.
de inst prin

Tul. l. 1 de
nat. Deor.

Costume foy mui antigo entre os gentios, não dar principio a cousa algũa de cõsideração, sem tratar primeiro o q̃ conuinha ao augmento de sua Religião, ao seruiço de seus templos, & ao culto de seus Deuses: a causa disto aponta Aristoteles nas suas Politicas dizendo. *Princeps circa Deorum cultum afficitur vehementer, minus enim formidant populi, ne quid contra iustitiam fiat, si Religioni deditum, illum existimabunt, ac Deorum timorem haberent.* E com muita rezão, porque o bom principe, como dizia Deon Nizeo ao Emperador Trajano, ha de temer, & reuerencear a Deos, como Religioso, reger sua Republica como prudente, & gouernar seu Reyno como sabio. He a virtude da Religião (segundo a diffine Marco Tullio lib. 1. de natura Deorum) hum pacto de justiça, pello qual se obrigão os homés a feruir, & honrar a Deos, pois não ha quem tendo

do perfeito uso de rezão, o não entenda, sob pena de ser contado em o numero dos brutos, como disse Trismigisto: & he isto tanto assim, que os Atheniêses delterrarão ao philosopho Diogoras, soo por disputar, & pôr em questão se auia Deuses. Quando Cambises Rey de Persia mandou a seu filho Ciro, fosse visitar a Astiages seu auô, dispidindose d'elle, disselhe estas palauras. Hũa cousa vos encomendo filho meu, q̄ estimarei tenhais sempre na lembrança, & que vos não falte nunca da memoria, como joya de preço inestimauel, & dada por mão de pay q̄ muito vos ama. Esta he, q̄ sejais muy deuoto, & amigo dos Deuses, & que em nenhũ tempo deis principio a cousa algũa, sem primeiro lhe pedirdes seu fauor, & ajuda: porq̄ os homês em tudo são faltos, & faltão, & a sabedoria eterna, nenhũa cousa he escondida, antes por seu saber infinito, se por quem he quer fauorecer, & com effeito fauorece algũa pessoa, tudo aquillo em q̄ poser a mão lhe ha de succeder venturosamente bem. Na historia dos Reys do Peru se lê, q̄ conquistando algũa terra diuidê seus tributos em tres partes, & a primeira, & mais principal he, pera o ornato dos tēplos, julgando, q̄ não se descuidãdo o Principe, daquillo q̄ pertence ao culto dos Deuses, se lêbraão elles, do q̄ conuem ao augmēto, & conserua-

*Trismegisto
Fran. Mon-
zon. espelho
de Princep.
l. 1. c. 16.
Xenoph. l.
de padia Ciro*

*Io sep. de aco
sta hist. mor
dos Ind. l. 6
c. 15.*

Segunda parte da defensão

ção de seus estados. Esta foy a causa porque Romulo restaurador de Roma, conformandose com o costume antigo, notou o Rosino, no principio de seu Reyno, edificou o templo de Iupiter Pheretrio. O mesmo fizeram os successores de Hercules em Athenas levantado outro, a que chamam casa da misericordia, porq̃ todo o delinquente que se acolhia, & valia delle, o não podião prender por mais ignorme que fosse seu delicto, como consta destes versos do Poeta Estacio.

Rosino de an
tiq. Rom. l.
2. c. 5.

Ioan. Rosin.
vbi supra.

Stacius l. 12
Thebaido

*Urbe fuit media, nulli concessa potentum
Ara Deum, mitis posuit clementia sedem,
Hic victi bellis, patriaque è sede fugati,
Regnorumque inopes scelerumque errore nocentes
Conueniunt, pacemque rogant.*

Strabo geog
lib. 3.

Este costume tam usado, como antigo goardou o grande Capitão, & Rey Vlysses, entrando pelas prayas do famoso Tejo, vindo da guerra Troyana, porq̃ a primeira cousa q̃ nellas fez foy edificar hum templo a sua Deusa Minerua, que os Antigos tinham por particular auogada da eloquencia: & como Vlysses fosse vnico nesta arte todas suas cousas regia por ella, tendoa por tão familiar que Homero introduz muitas vezes esta Deusa (falando a seu modo) aconselhando nos casos arduos, & difficultosos, onde parecia não auer algum remedio por via de

con-

conselho humano. Deste templo faz menção Asclepides Mirleano Grego, natural de Apamea, chamada primeiro Mirlea, não muy longe de Constantinopla, cujas palauras tras Strabo libro 3. & Aelio Antonio Nebricense no seu prologo ad Lectorem na historia del Rey Dom Fernando, & da Rainha Catholica Dona Isabel, as quais são. *Is in templo illo se vidisse commemorat parmas suspensas a plustra rostraque naualia.* Querem dizer. Affirma Asclepides vio com seus olhos no templo de Minerua, edificado sobre as prayas do rio Tejo em Lisboa os escudos dos companheiros de Vlysses, feitos a modo de burqueis, em memoria de seu primeiro fundador esporões, lemes, gaviias, & outros ornamentos das naos, em que ali aportarão dedicados ao Idolo de Minerua, como em tropheo de os trazer a saluamento, & a prouincia tam fertil, & deleitosa. Não discrepão deste parecer Pofsidonio, & Artemidoro, que Strabo tras pera confirmar sua sentença, dizendo. *Superiora Regionis Montanae loca, Vlyssream ostentant, in qua est Mineruae templum: Eo Nebricense in prologo vbi supra, diz: Vlyssiponem urbem ex suo nomine cognominatam, fundauit, atq; ibi Mineruae, quã peculiariter colebat, templum erexit; como se diseraõ.* Fundou Vlysses a famosissima cidade de Lisboa, & nella hũ tẽplo sumptuosissimo dedicado a sua

*Asclepides a
pud Stra l. 3
Aelio Anton
in prologo
ad lectorem
hist. Regis
Ferd. & E-
lisabet;*

*Pofidonis
Artemidoro
apud Strab.
l. 3. geogr.
Nibricens.
vbi sup.*

Segunda parte da defensão

Deusa Minerua, a qual por muitas rezões era particularmente affeiçoado ; & porque o nosso Autor do Exame parece querer mostrar q̄ nunca Vlyffes chegou às prayas do Tejo, pera nellas edificar templo, nem cidade, porei suas palauras pera examinarmos este ponto. Tudo se pode crer inteiramente (diz o nosso Autor) pois se funda na verdade & credito do Tarcanhota, & não tratando d'outro lugar que tras a Monarchia da epistola de Penelope pera Vlyffes, com que parece queria prouar que estava em Lisboa, quando teue os amores que escreue Homero com a Nympba Calipso, no qual lugar com outros que a Epistola vai continuando, se vê claramente mostrar Penelope, que não sabe em que parte, terra, ou Reyno esteja Vlyffes, tam longe está de o por em Lisboa. Estas em ponto são as rezões do Autor do Exame, & porque sem mais fundamento que o de sua vontade propria, quer reprovar opinião tam approuada, sem apontar Escriptor algum que tal diga, querolhe emprestar meya duzia delles, pera que este seu pensamento não va tam pobre; seja o primeiro Bernardo Aldrete, no tratado da origem da lingua Castelhana liuro 3. capite 1. Laurentio Valla na historia del Rey Dom Fernando de Aragão, Dom Francisco Fernandes de Cordoua na sua Didascalia capit. 47. Abrahão Ortelio na taboa de Hespanha antiga, Mariana na

histo-

Bern. Aldre
trat. de. 1. 6. 1.
Valla in
hist. Arag.
Dõ Frãcisco
Fernãd Di-
dasca c. 48.
Ortelio na
taboa de
Hesp.
Marianana
bis de Hespã
nha l. 1. 6. 12

historia de Hespanha liuro primeiro capi. 12. & algũs outros que por nouidade affirmãõ deu os primeiros fundamentos à cidade de Lisboa Elisa filho de Iaban, & bisneto de Noe, & que Vlysses sô a restaurou, & ampliou. Com tudo isto digo, que he doutrina tam recebida, & tradiçãõ tam antiga, fundar Vlysses a cidade de Lisboa, vindo da guerra Troyana, que me parece tempo mal gastado todo o que gastar em prouar verdade taõ clara: mas pois me he forçado prouar este ponto, respondo primeiramente a authoridade dos authores que emprestei ao nosso Exame, que os primeiros não tem solido fundamento, pois fazem duas Vlyssêas, & hũa dellas poem em Andaluzia, & as outras não aduertirão, que d'Elisa neto de Iaphet, vem os Gregos, *qui Æolide dicuntur*, como affirma dom Rodrigo Bispo de Toledo, & de Iauan pay de Elisa, procederão os Gregos, q̃ destruirão o Reyno Troyano. Alem disto cófirmãõ a verdade da Monarchia acerca de ser Vlysses o primeiro fũdador de Lisboa, Raphael Volaterrano, Ioachimo, Vadiano, Carolo Stephano, Andre de Resende, Artimidoro, Possidonio, Elio Antonio, Strabo, & Damião de Goes na descripção de Lisboa, Mela lib. 3. cap. 1. Plinio libro 4. cap. 22. Ptolomeo geograp. lib. 2. cap. 41. Solino capite 36. Marciano Capella libro 6. Santo

Volater. in
geogr.
Ioachimo.
Vadiano.
Carolo.
Stephano.
Nebricense
in prologo
vbi supra
Artemidoro
& Possido.
vbi supo
Goes in des-
crip. Vlyff.
Mela l. 3. c. 1.
Plinio li. 4.
c. 22.
Ptolomeo
geog. l. 2. c. 42.
Solino c. 36
Marci Ca-
pel. l. 6.

Segunda parte da defençaõ

Isidoro, lib. Orig. 25. Isidoro lib. Orig. 25. & outros que apontarei em particular no discurso deste capitulo, dos quais serã o primeiro o nosso Andre de Rezende assi no seu Vincencio, como nas antiguidades Lusitanas, lib. 1. onde escreue o seguinte. *In Lusitania Hispanie, promontorium est, quod Artabrum aly, alij Vlysiponense dicunt, & logo mais abaixo. Ibi oppidum Olysipto ab Olyssse conditum.* Quer dizer em Lusitania ha hum promontorio, ao qual huns autores chamão Artabro, & outros Olysiponense, onde está situada hũa cidade a que o Capitão, & Rey Olyses deu os primeiros fundamentos, & chamou de seu proprio nome Olysipto. Sancto Isidoro nas suas Ethimologias, Marciano Capella apud Resende, vbi supra, & *Ælio Antonio in prologo ad Lectorem, dizem. Vlyses præterea in decenario illo suo errore, Hispanie exteriores lustravit oras, vbi Vlysiponem urbem ex suo nomine cognominatam fundauit, atque ibi Minerua, quam peculiariter colebat, templum erexit.* He como se differa. No tempo em que o grande Vlyses andou correndo varios naufragios no mar, tomando porto em as prayas de Hespanha, fundou nellas a cidade de Lisboa, dandolhe seu proprio nome, & nella edificou hum templo a Minerua de que era deuoto, & afeiçãoado; o mesmo segue Arnoldo Theatro de conuers. gent. Georg.

Resende vbi supra lib. 1.
S. Isidor. nas suas Ethim. lib. 25.
Marc. Capella apud Resend. lib. 1.
Ælio Antonio in prologo ad Lectorem, hist. Reg. Terd.
Arnoldo Theat. de conuers. gent. her.

Georg. Cælio, de cons. infant. her. Laymundo li. 1. de antiq. Lusitan. Asclepides lib. de Turd. Strabo lib. 3. EGariuay lib. 4. cap. 29. fol. 117. no seu compendio historial, diz as palauras seguintes. *Vlyxes* antiendo becho vn templo cerca de Malaga en los montes que agora llaman en Arabigo *Axarquia*, vino por mar a la tierra que dizimos Portugal, donde fandò quasi en el año 1163. antes de la Natiuidad de Christo, en la ribera de Tajo, vna ciudad, que de su nombre llamo *Vlyxipolis*, que en lengua Griega quiere dezir Ciudad de *Vlixes*, que agora se dize Lisboa, la qual en nuestros tiempos es la mayor poblacion de Hespaña, siendo ordinario aposiento de los Reyes de Portugal. E Raphael Volaterrano lib. 2. diz alsim. In ora ciuitas Regia *Vlyxipo*, Plinio vocata, Antonino in Ode porico, *Vlyxipona*, Straboni vero *Vlyxea*, que vna cum *Minerue* templo *Olyssis* indicabat errores, & exercitum buc delatum, vt idem testatur autor. Por esta opinião tam verdadeira fazem huns versos do Infante Dom Pedro, feitos em louuor de Lisboa, dizendo.

Georg Cal.
de cons. inf.
her.

Laymun. de
antiq. Lus.

Asclepides
lib. de Turd.
Strabo li. 3.

Gariuai li.
4. cap. 29.

Volaterra
lib. 2.

Infante D.
Pedro.

Porque tu fostes a colheita
Daquelle Grego sesudo
Tam matreiro
Ate fez toda bem feita
Neste logo tam sabudo
A neste oiteiro.

O Bispo

Segunda parte da defenſa

Gironenſe,
lib. 1o

O Biſpo de Girona lib. 1. fol. 22. eſcreue o ſe-
guinte. *De Vlyſea vrbe Strabo meminit dicens ſupe-
riora regionis montana loca Vlyſeam oſtentant, in qua
erat Mineruæ templum, vt autor eſt Poſſidonius.* A ci-
dade de Lisboa, a qual Vlyſes fundou no lugar
mais alto da montanha, como inda eſtaua no
tempo de Strabo, ſegundo elle meſmo confeſſa,
& nella edificou o Templo de Minerua, de que
tudo he autor Poſſidonio, & Florião do Cam-
po, no ſeu primeiro liuro, no cap. 38. diz aſſim.
Hallo tambien hecha notable mencion en to-
das las hiſtorias antigas de otro capitán Griego
llamado Vlyxes, mui prudente, y ſagaz em de-
maſia, el qual vino en Heſpaña, y llegado a la
boca del Rio Tajo ſe metio por el agua arriba,
que viene por alli mui crecida, y eſpacioſa, don-
do fundo ſobre la ribera vna ciudad, que por
ſu cauſa nombraron Vlixipolis, y los Latinos
adelante la llamaran Vlyſipo Salaria. Eſta ciudad
Vlyſipo nombramos agora Lisboa, & Pompo-
nio Mela lib. 3. cap. 1. diz. *Est in proximo ſignum
Salatia, in altero Vlyſſippo, & Tagi oſtrum, omnis au-
rum, gemmasque generantis.* Quer dizer; em hũa
enſeada eſtá Salatia, & em outra Vlyſſippo, & a
boca do Tejo, rio que cria ouro, & pedras pre-
cioſas. Salatia bem ſabem todos, q̄ he oje Alca-
cere do Sal, & Vlyſſippo, he Lisboa ſituada na
boca

Florião. 1o
cap. 38.

Pomp. Mel.
l. 3. cap. 1.

boca do rio Tejo. Plinio descreuendo os lugares da costa de Lusitania diz estas palauras. *Op-^{Plinios. 4^o}
pida memorabilia à Tago in ora Olissipo.* Quer dizer. ^{cap. 22.}
Os lugares dignos de memoria, alem do Tejo na costa, he Lisboa. Strabo lib. 3. a quem segue Solino escreue o seguinte. *In Lusitania, promontorium est, quod Artabrum alij, alij Vlyssiponense dicunt, hoc caelum, terras, & maria distinguit. Terris Hispaniae latus finit, caelum, & maria, hoc modo diuidit, quod à circuitu eius incipiunt, Oceanus Galicus, & frons Septentrionalis, Oceano Atlantico, & occasu terminatis. Ibi oppidum Vlyssipo ab Vlysse conditum, ibi Tagus flumen.* He como se differa, explicando só o que serue a nosso intento. Em Lusitania está a cidade de Lisboa, fundada por Vlyses, na boca do rio Tejo. O mesmo affirma Marciano Capella, di- ^{Capella. l. 6}
zendo. *Olyssipponem illic oppidum ab Olysse conditum ferunt.* Isto he, dizem que a cidade de Lisboa foi fundada poa Vlyses. E Ioannes Camertes in So- <sup>Ioannes Ca
merres in So
linū fol. 66</sup>
linum fol. 66. diz. *Est Vlyssippo oppidum ab Vlyse conditum, ex cuius nomine, promontorium appellatur, quod maria, terrasque distinguit.* Quer dizer. A cidade de Lisboa he fundação de Vlyses, de cujo nome tomou o seu hum promontorio della, chamandosse Olyssippone. Quero fechar este capitulo, com a authoridade de S. Isidoro, o <sup>S. Isidorus
lib. 25. c. 2.</sup>
qual no liuro 25. no cap. 1. diz. *Vlyssippona ab Vly-*
Je

Segunda parte da defensão

se condita, & nuncupata: Onde significa, que Lisboa foy fundada por Vlyses, & chamada afsim de seu proprio nome. Isto tudo presuposto, julgue agora o Leitor se està esta opiniaõ da Monarchia bem fundada; & se chegou Vlyffes às prayas do Tejo, por mais que o Exame das antiguidades o negue, & se podera apontar o Doutor Frey Bernardo mais authores, que o Tharcanhota, pera confirmar verdade tam calificada; mas como escreuia com chanefa, & sem imaginar podia alguem ir contra a honra de sua patria, não alegou no particular desta opiniaõ mais, que Laymundo, & o Tharcanhota, pareendolhe bastaua menos pera hũa cousa tam antiga, como certa, & verdadeira. Deixando a resposta da Epistola de Penelope, & outras historias poeticas, pera o capitulo seguinte.

CAPITULO XXXII.

Responde se à carta de Penelope; mostra-se como as ficções poeticas são muitas vezes historias moraes, & verdadeira philosophia.

Cousa mui sabida he serem os antigos Egypcios a gente mais misteriosa que ouue
entre

entre todas as nações do mundo : daqui nasceo explicarem seus conceitos por hieroglyphicos, que quer dizer, sculturas, ou figuras sagradas ; & alsí pera significarem as bodas, pintauão a palma, a qual segundo Plinio, são Basilio, & Santo Ambrosio, estando sò he esteril, & não dá fructo, & à vista, & na companhia d'outra, fica sendo fertilissima. Para declarar o amigo sem proueito, pintauão hũa Andorinha, porque sendo do tam familiar em todas as casas, & fazendo sua continua habitação entre os homens, nunca se faz domestica, nem mansa, como as outras aues, & morando comnosco no veraõ, se aparta de nós no inuerno, o que tudo he contra a obrigação do bom amigo. *Amicus certus in re incerta cernitur.* E como nenhum perigo seja maior, que o da honra, & credito, nem nenhũa ausencia mais se remedio, q̃ a da morte, heme forçado para satisfazer cõ estas duas obrigaçoens, cõtinar cõ a defensão de que não pode acudir por sy, diz o D. fr. Bernardo de Brito na sua Monarchia Lusytana, tomãdo de Laymũdo no seu primeiro liuro, q̃ Gorgoris Rey d' Hespanha teue noticia do q̃ passaua na noua pouoação de Lisboa, q̃ pera conhecer mais de raiz o intento dos Gregos, & de seu Capitão Vlysses se veyo àquella parte, acompanhado com sufficiente numero

Plinio nat.

hist. lib. 13.

cap. 4.

S. Basil.

hom. 3. in

Exam.

S. Amb. l. 3.

Exam. c. 13.

Pierio Val.

lib. 27. c. de

arund.

Brito.

de

Segunda parte da defensão

de Portuguezes, & quasi em som de peleja, mas que Vlysses o soube tratar com tanta brandura & bom procedimento, que se tornou contentissimo de os deixar viuer em sua terra, entendendo o proueito que de sua communicacão podia recrecer na gente Lusitana, & lhe offereceo molheres da terra com que casassem os Soldados, & a Vlysses deu por molher sua propria filha, que elle aceitou pera ganhar com esta sombra de matrimonio a vontade da gente Hespanhola, & viueo com ella alguns tempos com grande quietação, & descanço. Isto presuposto diz a Monarchia por coniecturas, que nesta historia fundaria a Poeta Homero os amores fabulosos que conta de Vlysses com a nymphea Calipso, & não foy o Doutor frey Bernardo o primeiro que deu neste pensamento, porque antes d'elle o teue o Mestre Andre de Resende em hũa Elegia que fez da cidade de Lisboa. Não que hum nem outro, o contem por verdade, senão coniecturando nesta materia, inferem desta historia verdadeira, que nella fundaria Homero a sua ficção poetica, & Ouidio a occasião da carta, que finge de Penelope pera seu marido Vlysses, mostrando nestes fingimentos sua habilidade. Contra isto tudo, se arma o nosso Autor do Exame dizendo não veyo Vlysses nunca

nunca a Lisboa, nem fundou cidade tam famo-
sa, o que diz proua com dous versos da pri-
meira Epistola de Ouidio, que aponta por sua
parte.

Victor abes, nec scire mihi quæ causa morandi,

Aut in quo lateas ferreus orbe licet.

Ouid. Epist.

1.

No qual lugar, diz o Autor das antiguidades,
com outros que a Epistola vai continuando, se vê clara-
mente mostrar Penelope que não sabe em que parte,
terra, nem Reyno esteja Vlysses: tam longe está de o pôr
em Lisboa. Em verdade que são fracas columnas
dous versos de Ouidio pera fundar hũa machi-
na tam grande, como he afirmar, não fundou
Vlysses a cidade de Lisboa, tendo contra sy tã-
tos, & tam graues Autores, como aponteí, i& se
podem ver no cap. passado; & respondendo a
Epistola de Ouidio, digo, que nem Penelope es-
creueo tal carta, nem era possiuel escreuella o q̃
prouo desta maneira. A destruição de Troya,
donde Vlysses vinha, succedeo quatrocentos, &
trinta & tres annos, segundo a conta de Apol-
lodoro, antes de Romulo nacer no mundo, que
foy na septima Olympiade, & conforme o Ar-
cebispo Dom Rodrigo, quatrocentos & qua-
renta & dous: *à captione Troyæ, diz elle, vsque ad*
Romulum anni 442. & Ouidio floreceo na O-
lymiade cento & nouenta, pouco mais, ou me-
nos,

Apolloodoro
vbi supra.

O Arcebis-
po D. Rodri-
go, l. 1. c. 3,

Segunda parte da defensão

nos, que fazem setecentos & sesenta annos, & quem de 760. tira 28. que se montão nas sete Olympiades, ficão 732. & isto pellas contas de Apollodoro, & quem a estes 732. ajuntar 433. em que Troya foy destruida, antes de Roma ser fundada, soma tudo 1165. annos, & todos estes passarão do tempo da Rainha, & casta Penelope, tẽ a idade em que Ouuidio podia forjar em seu entendimento aquella carta, como as de Palmeirim de Inglaterra, que são huns puros fingimentos, ou os versos, & cantares dos Pastores, Amphrisos, Delios, Galateas, & Dianas, pello que não he bom fundamẽto pera provar não veyo Vlysses a Lisboa a carta poetica de Ouuidio. Digo mais que dato, & non concessõ, que Penelope a escreuera, não he argumento logico dizer, Penelope, como consta desta carta, não sabia onde estaua seu marido Vlysses, ergo, não veyo a Lisboa: não val a consequencia, antes de o não saber se pode inferir o contrario, porque Grecia, & Lisboa não estão vezinhas, que podesse Penelope ter nouas de Vlysses em vinte quatro horas, & assim desta sua confissão, quando fora sua, se podia coligir estaua em partes tam remotas, como ficão de Vtãca estas nossas. Acrecento mais esta rezaõ com Lactancio Firmiano, o qual no liuro primeiro de licencia poetarum, diz estas

*Lact. lib 1.
de poetarũ
licencia.*

estas

estas palauras. *Homines decipiuntur maxime, quod hæc omnia facta esse à poetis arbitrantur: colunt, quod ignorant, nesciunt enim quis sit poeticè licentiæ modus, quousque progredi fingendo liceat, quum officium poetæ in eo sit, ut ea quæ verè gesta sunt, in alias species obliquis figurationibus cum decore aliquo conuersa traducat.* Quer dizer. Enganaõse em extremo os homés, imaginando taõ ficções engenhosas, tuõ quanto os Poetas escreuem, & como não sabem atè onde podem chegar as licenças poeticas, tem por fingimento o que he em si historia verdadeira, porque officio he do bom poeta vestir a verdade com cores Rhetoricos, & contar as coulas verdadeirissimas, debaixo de nuués fingidas, como foy a de Niobe, que Erasmo refere no adagio, *Niobes mala*, a qual sendo filha de Tantalos, & molher de Amphião, ouue delle seis filhos, & outras tantas filhas, & vendose tam rica de filhos, ensoberbeceose de maneira, que fez despresos a Latona, deitandolhe em rosto, não tinha mais que dous filhos, Apolo, & Diana, & posto que ella podera responder, *duos, sed leones*, pois por hum le entende o Sol, por outro a Lũa, sentio com tudo tãto Latona este desprezo, que mandou a Apolo lhe mataste os filhos, & a Diana as filhas, o que trata Iuuenal Satira 6. dizendo.

*Erasm. ada.
Niob. mala.*

*Iuuenal.
Satyr. 6.*

Parce præcor Pean, & tu depone sagittas

Z

Nil

Segunda parte da defensão

*Nil pueri faciunt, ipsam configite matrem
Amphioni clamat; sed Pean contrahit arcum,
Extulit ergo gregem natorum, ipsumque parentem
Dum sibi nobilior Latonæ gente videtur.*

Atque eadem Scropha Niobe fecundiori alba.

E posto q̄ com a moralidade desta fabula nos quizerão ensinar os Philosophos antigos, quanto deuiamos fugir da soberba, pois não custou menos a Niobe a muita sua, que ver a morte a seus doze filhos, & assi mesma conuerterse em pedra: a verdade com tudo da historia he, que em Phrygia no tempo de Niobe, ouue hũa grande peste, & como este mal assim fere aos pastores, que não perdoa aos Principes, morrerão nella todos os doze filhos de Niobe, & porque a peste se causa da corrupção do ar, mediante o qual o qual o sol, & a lũa, nos cõmunicão suas influencias, fingirão os poetas, que o sol, & a lũa, filhos de Latona matarão os de Niobe, & como a mãy ficou sem sentido, magoada de os ver mortos diante de seus olhos, fingirão se conuertera em pedra, como tambem differão, se conuerterão em alamos as irmãs de Phaetonte, pella grande dor, & pena que tiuerão de o ver morto no melhor de seus dias, & na flor de sua idade. Foy a causa segundo a ficção poetica, que querendo Phaeton gouernar os cauallos do sol, pera q̄ este fauor

fauor fosse mostra de ser seu filho, sentindo elles outra mão diferente da que antes os gouernaua, corrédo desenfreados de hũa & outra parte, queimarão grande parte do mundo, & elle caindo no rio Eridano, morreo afogado em suas agoas, ou como quer Theophrasto, em Ethiopia. E posto q̄ debaixo desta ficção nos ensinarão os sabios antigos, que os Principes, & senhores vendose ricos, & poderosos, mãebos, & esforçados, não vzando de bom conselho, causão grandes males, notaueis danos, & irremediaueis perdas em seus vassallos, & reynos, porq̄ a temeridade nenhũ outro ganho tras consigo. A verdade cõ tudo em que esta philosophia se funda he, que em Grecia reinando Cecrope em Athenas, ouue hũ grandissimo incendio, o qual não s̄o abrafou os campos, & secou os rios, mas destruyo muitas cidades, principalmente na parte onde reinaua Phaetonte: ou como dizem outros autores, sendo filho de hum Rey dos Celtas, & correndo nas prayas do rio Pado em hum carro de quatro cauallos, entrarão tam furiosos por suas agoas, que morreo nellas afogado, cuja morte chorarão tanto suas irmãas, que ficarão pasmadas, & sem sentido: & porque os taes parece que soamente tem vida vegetatiua como plantas, fingirão se conuerterão em alamos. Desta

871 *Segunda parte da defensão*

historia tomou argumento Horacio pera aconselhar a Philonides, não pretende o que não pode, nem procure maiores cousas, que aquellas que pode acabar com suas forças, como Phaeton te, que por não querer seguir o conselho de seu pay velho, como mancebo temerario, & moço, veyo a ser exemplo de temerarios, são as palauras de Horacio liuro 4. Oda vndecima, as seguintes.

Horat. l. 4
Oda II.

*Terret ambustus Phaeton, auaras
Spes, & exemplum graue praebet ales
Pegasus, terrenum equitem grauatum
Bellerophonem
Semper, vt te digna sequare & ultra
Quam licet sperare, nefas putando
Disparem vites.*

E tornando ao nosso proposito, digo que as trãl
formações de Circes, os cantos das Sereas, & os
amores da nympha Calipso com Vlysses, como
nos cõta Homero foy pera mostrar que o amor
lasciuo, & desordenado, tira o sentido a hum ho
mem por mais sabio, & prudente que seja, pe
ra com este encanto se esquecer de si, de sua fa
milia, & do gouerno de sua casa: poreo to
dos estes encantamentos de Circes, doçuras de
Sereas, & amores de Calipso, podia muito bem
fundar Homero pellas grandes detenças q̄ nisto
ouue

ouue na historia verdadeira da edificação de Lisboa, no casamento da filha del Rey Gorgoris a cuja afeição se rendeo de maneira, que se não forão algũs insultos que os seus fizerão, como affirma o Gerundense, muy possiuel he lhe não lembrara mais filho, Reyno, nem casa, nem ainda hũa molher a quem tanto deuia. Gerund. l. 1.

CAPITVLO XXXIII.

Discutẽse hũas palauras do Exame das antiguidades, acerca da vinda de Diomedes a Hespanha. Trata-se o modo de votar dos antigos: mostrase mais como por contar hum autor algũas ficções poeticas, não perde o credito a historia verdadeira.

ENfadado Iupiter do solicito cuidado com que Argos por mandado de Iuno guarda ua a nymphea Io, conuertida em vaca, mandou a Mercurio que adormecendo a Argos lhe tirasse a vida, pera que Io a tiuesse mais venturosa, daquella em q̃ a poserão os ciumes da Deusa. Não se descuidou Mercurio de pôr em execução o mandado de Iupiter, & vestindose de pastor, começou a tocar hũa frauta, & a catar a fabula

Segunda parte da defensão

de Pan Deos dos pastores, & da nympha Seringa, com tanta suauidade, & graça, que leuado della adormeceo Argos, & dormio pera sempre, sem lhe valerem os seus cem olhos pera o liurar da morte, & deixar de perder a vida. Sentio tanto Iuno esta perda, que accusou a Mercurio diante dos Deuses, & juntos todos em juizo posta sua accusação, respondeo Mercurio em sua defeza, fizera o que Iupiter lhe mandara, & votando os Iuizes por pedras brancas, & pretas, sahio por sentença, satisfizera Mercurio com o que deuia, obedecendo ao mandado do supremo dos Deuses: Daqui naceo o custume de votarem os Iuizes por pedras brancas, & negras, com esta differença, que as brancas, absoluião, & as negras condenauão: & se as negras erão mais que as brancas, ficaua o Reo condenado à morte; pelo contrario, se as brancas excedião, ficaua liure & com vida, & se a caso soccedia serem tantas hũas como outras, tambem ficaua viuendo, & auido por sem culpa, porque a brandura da misericordia, excedia o rigor da justiça. Deste cu-

Onid. in Me
taph. l. 5.

stume trata Onidio nas suas transformações dizendo.

Mox erat antiquis niueis, atrisque lapillis

Percio Sat. 4.

His damnare reos, illis absolueret culpa.

Tambem costumauão, como notou Percio, Saty

ra 4. a votar quando o caso era de morte com esta letra Th. porque como Thanatos em Gre-go, seja o mesmo que mortal, tomavão as primeiras duas letras Th. pera pronunciar sentença de morte. Asconio Pediano, diz costumavão tambem os antigos votar com estas tres letras O, T, A. a letra O, condenava á morte, o T. ab-
Asconio Pe-
diano.
soluia, & o A. significava não estava a causa suf-
ficientemente prouada, & que de novo admit-
tião novas prouas. Os Romanos, segundo affir-
ma Marcello Donato, votavão por quatro le-
tras, A.C.N.L. o A, absolvia, o C. condenava,
Marcello Do-
nato.
o N. & o L. queria dizer, *Non liquet*. Não con-
sta, nem está bem prouado. Votavão tambem,
como escreve Percio, com este termino: *Creta
notare*, por approuar, & *carbone notare*, pera re-
prouar, & assim seu mestre Cornuto, as cousas
boas, & justas que devia seguir, lhas asinaua com
pedras brancas, & as que devia euitar, com ne-
gras, como cõfessa o mesmo Percio Satyra 5. nas
Perc. Sat 5.
palavras que se seguem.

Quaeque sequenda forent, & quae vitanda vicissim

Illae prius Creta, mox haec carbone notasti.

Os povos de Thracia, os dias que tinham de go-
sto, contentamento, & alegria, costumavão a con-
tar cõ pedras brancas, & pello contrario os dias
aziagos, de pena, dor, & tormento, com pedras

Segunda parte da defensão

negras; & no fim do anno, as pedras que achauão brancas, effes dias contauão no anno de vida, & as negras, erão dias de morte, donde diffe Pythagoras, que o branco pertencia à natureza do bem, & o negro á natureza do mal. Isto quis significar o poeta, lib. 1. quando introduz a Elifa, dizendo.

*Hunc letum, Tyrijsque diem, Troyaque profectis
Virg lib. 1. Esse velis.*

Pouco branca, & mais que negra, deuia de ser a pedra, com que o Exame das antiguidades notou o dia em que escreueo tam bom pensamento, como foy negar a vinda de Diomedes a Hespanha, & afirmar não fundara em Italia a cidade de Ageripa, & em verdade, que quando se embarcou nesta barca, leuou consigo mais a pedra negra da fortuna de Policrates, que a branca da ventura de Miclas. No tratado vndecimo do Exame diz o Autor delle estas formaes palavras. *Escusando de fazer menção de outras historias, & casos notauéis me vou ao cap. 22. onde se acba afirmar a Monarchia veyo a Hespanha el Rey Diomedes tendo fundada em Italia hũa povoação por nome Ageripa, & feito outras cousas dignas de memoria, que largamente relata o Tarcabota, & inda que elle contara todas estas cousas, & maravilhas, que a Monarchia aponta del Rey Diomedes, nem por isso era obrigação*
que

que lhe deffemos credito quanto pella parte do Tarcanhota visto misturar elle fabulas com verdades, pois bñã soo fabula por sy, sobejaua pera lhe desacreditar todas suas obras, & não ha cidade que se chamasse Ageripa, nem jornada nenhũa que fizeße Diomedes a Hespanha. Primeiro de tudo respondo por honra dos historiadores, ao discredito em que o Exame das antiguidades poem ao Tarcanhota todas as vezes que nelle fala, & digo que se este Autor perde por misturar fabulas com verdades, que he a falta de que o nota, como se pode ver em suas proprias palauras, que não deuem de ganhar muito em sua opinião os Doutores da Igreja Catholica Sancto Augustinho nos liuros da cidade de Deos, onde tras infinidade de fabulas, & de Deuses gentilicos, Sancto Hieronymo, aduersus Iuuinianum, Sancto Fulgencio, & Sancto Isidoro nas suas Ethimologias, Origenes aduersus Celsum, Cyrilo Alexandrino, aduersus Iulianum, Methodio contra Porphyrio, Quadrato Bispo Atheniense, & Aristhides Christaõ, que nos liuros que dedicarão ao Emperador Adriano os enriquecerão de infinitas historias, ditos, & sentenças de Philosophos Gentios: o mesmo fez Iustino Martyr, lib. contra gentes. Taciano em suas obras, & em substancia Hippolyto, Apolonio,

S. Aug. l. de
cirit.
S. Hier. ad-
uersus.
Iuuinianũ.
S. Fulgenc.
& S. Isid. l.
Ethimol.
Origenes A-
damancio.
aduersus
Celsum.
Cyril. Ale-
xand aduer-
sus Iul.
Methodio
contra Por-
phyr.
Quadrato.
Arist Chri-
in li. de de-
fensione fi-
dei ad Adri.
Iust. Martyr.
b. contragen-
tes.
Taciano em
suas obras.
Hippolyto,

Segunda parte da defenſaõ

Apolonio. Apolonio; *Iulio Afric.* Iulio Africano, *Eusebio Cef.* Eusebio Cefariense,
Eusta. Ant. Eustachio Antiocheno, *Rauisio Textor,* *Basilio*
Magno, *Septimio Tertuliano,* *Arnobio,* *Eusebio*
Emiseno, *Lilio,* *Gregorio,* *Gyraldo,* *Marco Tul.*
Basil. Mag. Cicero de natura Deor. *Aulogelio,* nas suas noi-
Tertuliano. tes atticas, *Macrobio* in som. *Scipionis,* *Virgilio,*
Arnobio. *Ouuidio,* *Homero* em todas suas obras, & *vi*
Euseb. Emi. *Uno verbo dicam,* não ouue historiador nenhum,
Greg. Gira. nem Grego, nem Latino, nem Frances, nem Hes-
M. Tull. de *nat. Deorũ.* panhol que não faça o que fez o Tarcanhota
Aulo Gelio. contando historias verdadeiras, com ficções, &
nas noites *atticos.* *Macrob. in* fabulas poeticas, não que as contem por verda-
som. Scipi. de, senão dando a cadahum o que he seu, por-
Virgil. que doutra maneira, não satisfizera com as o-
Ouuid. brigações da historia, & ja que na de Diome-
Homer. des não quer dar credito ao Tarcanhota, não o
 quero cançar com apontar suas palauras, mas
 peçolhe se não cance de ouuir as de *Ælio An-*
tonio Nibricense, que no prologo da Chronica
 del Rey Dom Fernando diz assim. *Troya euerſa*
ex Græcorum reliquijs complures eodem quoque tempo-
re in Hispaniam nauigarunt, atque in primis Diome-
des Tydei Ætolorum Regis filius, qui post exidium
Troyæ cum comperisset Ægialam vxorem à Cillebero
Sibeneli filio adulteratam, præ pudore in Italiam mi-
grauit, conditaque in Appulia, vrbe Argerippa, atque
inde in Hispaniam prouectus Tyden in Gallitia vrbe

Nibricensis!
in Prologo

ex nomine Tydei patris sui, dictam fundavit, populosq; inter Minium, & Lethen fluuios rexit, quos nomine corrupto pro Graijs hoc est Græcis, V, litera interiecta Grauios dixerunt. Sub idem quoq; tempus Teucer Talamonis filius, atque Aiacis frater, quos pater ad bellum Troyanum miserat, ea lege, vt alter, sine altero non respiraret, mortuo Aiace, cum à patre, in patriam non recideretur, in Cyprum nauigauit, vbi Salamina vrbe condita in Hispaniam prouectus, Cartalaginem nouam, quæ & Spartaria cognominata est, à fundamentis excitauit, quam postea Asdrubal Carthaginensium Dux, restituit. Quer dizer. Destruída a cidade de Troya, muitos dos capitães Gregos q̄ ficarão, tomarão porto depois de larga nauegação nos Reynos de Hespanha, principalmente Diomedes filho de Tydeo, Rey de Ætolia, porque vindo da guerra Troyana, achou que sua molher Ægiala, fizera o que não deuia, com Cilleboro filho de Stheneleo, & affrontado desta infamia, nauegou pera Italia, & edificando a cidade de Argeripa em Appulia, se passou pera Hespanha, onde deu os primeiros fundamentos à Cidade de Tyde em Galicia dandolhe o nome de Tyde de seu pay Tydeo, & governou os povos que viuião entre o rio Minho, & o rio Lethes, por muito tempo, os quaes corrompendose o nome de Graios, ou Gregos, acrescentandolhe hum V. se ficarão

Segunda parte da defensão

ficarão chamando Grauios. Neste mesmo tempo veyo aportar em Hespanha Teucro irmão de Ajax, filho de Telamonio, o qual mandandoos à guerra Troyana foy com tal pacto, & condição, que não viesse hum sem o outro: & como Ajax morresse nos campos Troyanos, não quis Telamonio receber em sua patria, & casa, a Teucro seu filho, pois vinha viuo, ficando seu irmão morto; por cujo respeito nauegando pera a ilha de Cypro, edificou nella a cidade de Salamina, & vindo dahi a Hespanha, fundou a cidade de Carthago noua, chamada Spartaria, & depois Asdrubal capitão Carthaginense a restaurou; o mesmo parecer, acerca de fundar Diomedes a Tyde, segue Silo Italico no liuro 3. quando chama a Tuy, Ætôla.

Silo Italico
lib. 3.

Ætolaque Tyde.

Refende in
antiq. Lusit

Por ser começada por Diomedes, que era Rey de Ætholia. O mestre Andre de Refende nas suas antiguidades Lusitanas, fala da fundação de Tyde por Diomedes, como de cousa certíssima, são suas palauras aas fol. 37. as que se seguem. *Etiam Diomedes eo delatus, urbem condidit, quam propterea Aetolam Silius cognominavit*, como se dissera. Chegando Diomedes aas partes & prouincia de Galiza, edificou a cidade de Tuy, a que Silo no liuro 3. chama Aetola, por ser Rey de Atholia.

Flo-

Florião do Campo no liuro primeiro no cap. 37. Florião li. 1
diz assim. Poblò Diomedes otra ciudad, a quien puso ^{cap. 37.}
nombre Tyde por memoria de su padre Tydeo, que per-
manecio muchos siglos en Hespaña populosa, y notable,
por ser cabeça de los pueblos, y gentes entre Miño, y Li-
mia, los quales pueblos a causa de las poblaciones, que
Diomedes, y sus Griegos alli hizieron, y por auer estado
mucho tiempo en aquella tierra, sin se derramar en otras
partes, fueron llamados los Grayos, a quien despues aña-
diendo algo en el vocablo dixerón los pueblos Grauios,
de que en los Cosmographos, & Choronistas hazen se-
ñalada relacion. Samalhoa Garibay lib. 4. cap. 29.
tratando da vinda de alguns capitães Gregos, ^{Garibay,}
que por varios respeitos, depois da destruição ^{lib. 4. c. 29}
de Troya, aportaraõ em Hespanha, escreue às
fol. 117. estas palauras. Tambien otro Capitan Gre-
go llamado Diomedes hyo de Tydeo, aportando a la
mesma Galizia, però entre los rios Miño, y Limia, don-
de auiendo poblado vna ciudad llamada Tyde, tornò
a Italia, dexando alli muchas gentes, parte de las qua-
les poblaron luego otro nuevo pueblo llamado tambien
Tyde, que despues se llamo Tydiciano, y agora se llama
Tuy, en la ribera de Miño. E como estes pouos se
conseruassẽ por muitos annos no modo de
viuer Grego por antonomasia, vieraõ as outras
nações Latinas, a lhe chamar Grayos, que como
notou o Nibricense, he o mesmo que Gregos. ^{Nibricense}
Depois ^{vbi supra.}

Segunda parte da defensão

Pomp Mela

Silo. lib. 3.
fol. 69:

Nibricensis
in prolog.
Ferdinadi.
Florião do
Cãpo, lib. 1.
cap. 31.
Silo Italic.
lib. 3.
Rezende de
antiq. Lus.
Pomp. Mela
Garib. lib. 4
cap. 19.
Girund. 1. 2

Depois corrompendose o vocabulo, lhe chama
rão Grauios, ou Gronios, como quer Pomponio
Mela. Da corrupção deste nome fala expressa-
mente Silo Italico lib. 3. fol. 69. quando diz.
Et quos nunc grauior, violato nomine Graiùm.

Concluindo este ponto, digo, que quem seguin-
do o parecer de homens tam doutos, & histo-
riadores tam graues, como sam Aelio Antonio

Nibricense, Florião do Campo, Silo Italico, An-
dre de Rezende, Pomponio Mela, Esteuaõ de
Garibay, & o Bispo de Girona, com todos os
mais historiadores Hespanhoes, & chronicas de
Hespanha, bem pode affirmar com muito grã
de confiança veyo Diomedes a Hespanha, &
estã tam longe de cometer erro algum, como
pode com facilidade julgar qualquer entendi-
mento a quem não cegar o amor proprio, ou o
odio alheo, porque. *Amor, & odium, verum iuditiũ*

non agnoscunt. A estes Autores ajunto o Doutor
Salazar de Mendoça, lib. 1. cap. 2. Onde diz, Gre-
goris vigessimo quinto, Rey de Hespaña co-
mençò la sexta y vltima linea real destes prime-
ros Reyes, y en su tiempo vinieron desta regiõ
muchos Griegos de los q se hallaron en la de-
struicion de Troya, Teucro hijo de Talamor,
fundó la ciudad de Carthagená, y la llamo Teu-
cria. Diomedes hijo de Tydeo, en Galizia a la

Ribera

Ribera de Miño a Tui. Vlysses Rey de Itaca en la del Tajo a Lisboa llamada por el Vlyfsipo.

CAPITULO XXXV.

*Prouase como Teucro irmão de Ajax Te-
lamonio deu principio à cidade de Car-
thago noua, posto que Asdrubal Capitão
Carthaginẽse lhe deu depois este nome.*

OS antigos Egypcios, como affirma Dio-
doro Siculo, pintauão o bom Iuiz na for-
ma seguinte. Hum homem ancião, rodea-
do de liuros, com os olhos fechados, & no pei-
to hũa medalha de Saphira, em a qual, como diz
Eliano de varia historia estaua insculpida a ver-
dade. Em ser ancião, & velho, significauão q̃ a-
quelle q̃ ha de julgar as cauças, principalmente
escreuendoas em publico, em liuros cõpostos q̃
corrêo mundo, ha de ser com mui maduro cõ-
selho, & notauel prudẽcia, porq̃ a falta della em
hũ homẽ particular, a pouco dano se eslede. Os
rios pequenos quãdo crecẽ leuão quãdo muito
o q̃ he facil de mouer, porẽ os grandes, & mais
em tempo de tempestades, desflorão os cam-
pos, arrancão as aruores, destruem, & disbara-
tão tudo quanto achão diante de sy: hum
homem

*Diod. Sicul.
lib. 2. de fa-
bul. antiq.
gest.*

*Eliano de
var. hist.
lib. 14.*